



LUIZ ARMANDO CAPRA FILHO

**MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GESTÃO DE
PERCURSO:
UMA EXPERIÊNCIA NO CAMINHO DO SOL EM SÃO PAULO (BRASIL)**

Canoas, 2018

LUIZ ARMANDO CAPRA FILHO

**MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GESTÃO DE
PERCURSO:
UMA EXPERIÊNCIA NO CAMINHO DO SOL EM SÃO PAULO (BRASIL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memórias Sociais e Bens Culturais da Universidade La Salle para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Judite Sanson de Bem

Coorientador: Prof. Dr. Lucas Graeff

Canoas, 2018

FICHA CATALOGRÁFICA

LUIZ ARMANDO CAPRA FILHO

**MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GESTÃO DE
PERCURSO:
UMA EXPERIÊNCIA NO CAMINHO DO SOL EM SÃO PAULO (BRASIL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memórias Sociais e Bens Culturais da Universidade La Salle para obtenção do título de Mestre.

Aprovado pela banca examinadora em 19 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Dra. Judite Sanson de Bem
Universidade La Salle

Professor Dr. Lucas Graeff
Universidade La Salle

Professora Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle

Professora Dra. Susana de Araujo Gastal
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho se deu com a colaboração de inúmeras pessoas. Sem seu apoio e acolhida esta ideia não poderia ir adiante.

Assim a todos o meu sincero agradecimento e, em especial:

À minha Orientadora, Professora Dra. Judite Sanson de Bem e, ao meu Coorientador, Professor Dr. Lucas Graeff, pela atenção, disponibilidade, paciência, carinho e dedicação. Agradeço, especialmente por contribuições e sugestões para realização deste projeto.

Aos professores do Programa de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais por seu conhecimento compartilhado.

Aos professores da banca examinadora pela deferência e contribuições.

Aos colegas de curso pelas horas de trabalho compartilhado.

Aos hospitaleiros e ao organizador do Caminho do Sol, por sua disponibilidade e generosidade.

Aos meus familiares e amigos, por seu apoio e compreensão.

Aos caminhantes.

RESUMO

O Caminho de Santiago refere-se ao percurso realizado por peregrinos que afluem à Santiago de Compostela (Espanha), desde o século IX, para venerar as relíquias do apóstolo Santiago. No Brasil, no início dos anos 2000, foi criado no interior paulista, o Caminho do Sol, que é, de acordo com seus idealizadores, um percurso que apresenta as referências do Caminho de Santiago. O presente estudo tem como objetivo compreender a relação entre a tradição inventada e a memória enquadrada na constituição do Caminho do Sol (Brasil), tendo como referência o Caminho de Santiago (Espanha). O trabalho insere-se na Linha de Pesquisa de Memória e Gestão Cultural, cujos pressupostos conceituais são a memória social, a tradição inventada e a memória enquadrada. Metodologicamente, apresenta-se como pesquisa exploratório/descritiva, de cunho qualitativo. Foram realizadas entrevistas com nove hospitaleiros do Caminho do Sol. Na análise do material, constatou-se similaridades entre o Caminho de Santiago e o Caminho do Sol e, como este último, busca, na experiência do primeiro, por meio de tradições e símbolos, sua constituição e modo de operação. Propõe-se, então, a criação de um aplicativo móvel, a fim de sistematizar as informações para realização de percursos de caminhada.

Palavras-chave: Memória enquadrada. Tradição inventada. Percurso. Caminho de Santiago. Caminho do Sol.

ABSTRACT

The Way of Saint James refers to the route used by the pilgrims that lead to Santiago de Compostela (Spain) since the 9th century, to worship the remains of the apostle Saint James. In Brazil, in the beginning of the 2000s, in the inland of São Paulo, The Sun Way was created, and according to its idealizers, it's a route that presents references to The Way of Saint James. The aim of the current study is to comprehend the relation between invented tradition and the memory frame in the constitution of The Sun Way (Brazil), having as a reference The Way of Saint James (Spain). The paper is inserted in the Line of Memory Research and Cultural Management, whose conceptual assumptions are the social memory, the invented tradition and the memory framed. Methodologically, it's presented as an exploratory/descriptive research, using quantitative measures. Nine hospitable people from the Sun Way were interviewed. In the analysis of the material, it was verified similarities between The Way of Saint James and the Sun Way, and this last, looks for, from the experience of the first, through traditions and symbols, its constitution and operation mode. It's proposed, then, the creation of a mobile application that aims the systematization of information to perform the walk paths.

Keywords: Memory frame. Invented Tradition. Route. The Way of Saint James. The Sun Way.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Percurso do Caminho do Sol de Santana da Parnaíba à Águas de São Pedro.....	12
Figura 2-	Seta /flecha amarela – Caminho de Santiago: <i>Saint Jean Pied de Port – Roncesvalles</i>	36
Figura 3 -	Marcação moderna – Caminho de Santiago: <i>Samos – Sarria</i>	36
Figura 4 -	Caminhos de Santiago	38
Figura 5 -	Vieira de Santiago	42
Figura 6 -	Capa da credencial emitida pela ACCS.....	64
Figura 7-	Interna da credencial emitida pela ACCS	64
Figura 8-	<i>Capa da credencial emitida pelo Covento de La Merced – Sarria</i>	65
Figura 9-	Parte interna da credencial emitida pelo <i>Covento de La Merced – Sarria</i>	65
Figura 10-	Parte interna da credencial emitida pelo <i>Covento de La Merced – Sarria</i>	66
Figura 11-	Compostelana - Certificado de conclusão do Caminho de Santiago	67
Figura 12-	Capa da credencial do Caminho do Sol	68
Figura 13-	Parte interna da credencial do Caminho do Sol.....	68
Figura 14-	ARA SOLIS – Certificado de conclusão do Caminho do Sol	69
Figura 15-	Tela principal	76
Figura 16-	Tela minha Ficha	76
Figura 17-	Tela percurso.....	77
Figura 18-	Tela criação de Percurso	77
Figura 19-	Tela criação de etapa	77
Figura 20-	Tela visualização de percurso	78
Figura 21-	Tela de visualização de etapas.....	78
Figura 22-	Tela percurso.....	79
Figura 23-	Tela Seleção de peregrino.....	79
Figura 24-	Tela de Monitoramento	80
Figura 25-	Tela Ficha de peregrinos	80
Figura 26-	APP Diagrama Geral de Funcionamento.....	81
Figura 27-	Rotas esquemáticas no Estado de São Paulo.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela de 2012 a 2016.....	38
Tabela 2-	Número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela no ano <i>Jacobeu</i> de 2010 – Gênero.....	39
Tabela 3-	Número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela no ano <i>Jacobeu</i> de 2010 – Faixa etária.....	39
Tabela 4-	Modo de chegada de peregrinos - Santiago de Compostela no ano <i>Jacobeu</i> de 2010.....	40
Tabela 5-	Peregrinos por nacionalidade – Santiago de Compostela no ano <i>Jacobeu</i> de 2010 (Recorte das 10 mais presentes)	40
Tabela 6-	Peregrinos por local de início de trajeto – Santiago de Compostela no ano <i>Jacobeu</i> de 2010 Recorte das 10 mais presentes.....	41
Tabela 7-	Caminho percorrido – Santiago de Compostela no ano <i>Jacobeu</i> (2010)	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Entrevistas realizadas seguindo o percurso do Caminho do Sol.....	17
Quadro 2- Composição socio demográfica dos entrevistados	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2	OBJETIVOS	15
1.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
1.4	PRODUTO FINAL	18
2	QUADRO CONCEITUAL DA PESQUISA	20
2.1	TRADIÇÃO INVENTADA: A BUSCA PELO RITO	21
2.2	MEMÓRIA ENQUADRADA: MANUTENÇÃO, CONTINUIDADE E COERÊNCIA	22
2.3	ITINERÁRIOS: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PERCURSO.....	25
2.4	PEREGRINAÇÕES E ROMARIAS: DO PASSADO A CONTEMPORANEIDADE.....	26
3	CAMINHOS DE SANTIAGO DE COMPOSTELA: O ITINERÁRIO CULTURAL EUROPEU	33
4	O CAMINHO DO SOL: A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DO TRAJETO DE LONGO PERCURSO.....	45
5	MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GERAÇÃO E GESTÃO DO ITINERÁRIO TURÍSTICO-CULTURAL....	50
6	RELATÓRIO TÉCNICO – APLICATIVO MÓVEL	74
6.1	APLICATIVO E USUÁRIOS	75
6.2	APLICATIVO E FUNCIONALIDADES	75
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	88
	ANEXO A – Roteiro de entrevista	92
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	93

1 INTRODUÇÃO

Uma peregrinação é uma jornada empreendida por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado por ela. As peregrinações e romarias fazem parte da história da humanidade, desde os tempos mais remotos.

A existência de peregrinos e a realização de peregrinações são comuns em muitas religiões, tais como as religiões do antigo Egito, Pérsia, Índia, China e Japão. Além dessas, há o exemplo dos costumes gregos-romanos da consulta aos deuses locais e oráculos (tais como o de Dodona e o de Delfos), amplamente conhecidos.

Na história hebraica, havia peregrinos que viajavam para Siló, Dan, Betel, e, eventualmente, Jerusalém (os Três Festivais de Peregrinação), uma prática seguida por outras religiões Abraâmicas.

A peregrinação à Meca, feita pelos muçulmanos, pelo menos uma vez na vida, é um dos maiores fenômenos religiosos do mundo. Já no Cristianismo, as primeiras peregrinações datam do início do século IV (quando o cristianismo foi tornado *religio licita*), e tinham como destino a Terra Santa.

As peregrinações também começaram a ocorrer a partir de locais onde estivessem enterrados santos, apóstolos e mártires. Assim, milhares de pessoas passaram a viajar para visitar esses locais, muitas vezes em busca de milagres.

Contemporaneamente, a peregrinação com maior número de participantes por ano é o do Caminho de Santiago, na Espanha. No final do século XX, foi atribuída a ele a alcunha de “Itinerário Cultural Europeu”, sendo responsável por movimentar mais de 250.000 pessoas em peregrinação por ano. Desde então, foram produzidas dezenas de obras em diversas línguas sobre o “*Camiño*”, entre as quais destacou-se a obra do imortal membro da Academia Brasileira de Letras, Paulo Coelho, intitulada como: *O caminho de um mago*.

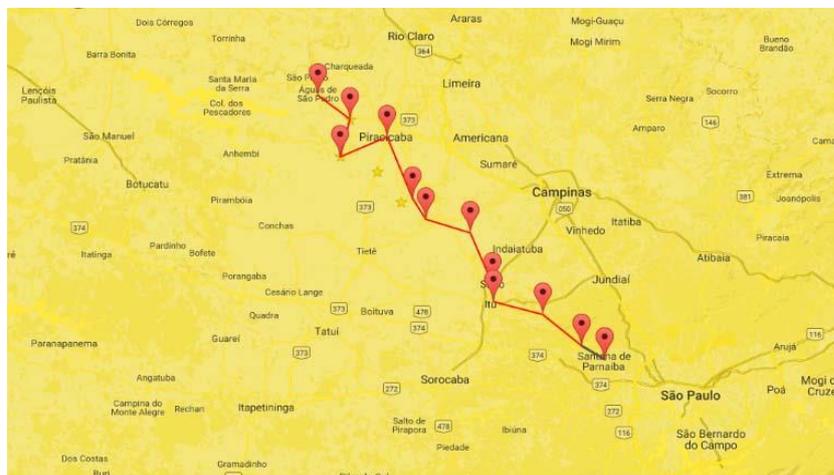
Inscrito na Linha de Pesquisa de Memória e Gestão Cultural, o presente estudo tem por tema as relações entre a memória, a tradição e a criação de percursos turístico-culturais. Tendo por objeto o percurso Caminho do Sol, em São Paulo, a pesquisa buscará problematizar como tal percurso relaciona-se ao Itinerário Cultural do Caminho de Santiago na Espanha. Essa relação é pertinente, pois os agentes responsáveis pela idealização, implantação e gestão do Caminho do Sol reivindicam para o trajeto o título de “preparatório para o Caminho de Santiago”.

Por outro lado, problematizar tal relação interessa ao campo da Memória Social, no que tange à compreensão de conceitos como “invenção das tradições”, elencado por Hobsbawm (1984), e “enquadramento da memória”, trazido por Pollack (1989 e 1992). Tais conceitos motivam a geração e gestão de um itinerário turístico-cultural no Brasil.

O Caminho do Sol é um percurso de 241 km de Santana da Parnaíba até Águas de São Pedro, no Estado de São Paulo. José Palma, fundador do Caminho do Sol, em seu *site*, afirma que esse percurso “[...] nasceu com o objetivo maior de oferecer aos amantes de caminhadas um ambiente agradável, passando em sua quase totalidade somente por áreas rurais, buscando a introspecção e o despojamento material.”¹

O Caminho do Sol passa por onze localidades e foi fundado em 25 de julho de 2010. Essa data não é uma coincidência, pois é o dia dedicado ao apóstolo Tiago, mais conhecido pelo nome ibérico: Santiago. A figura 1 apresenta uma visão parcial do Caminho do Sol – São Paulo.

Figura 1 – Percurso do Caminho do Sol de Santana da Parnaíba à Águas de São Pedro



Fonte: Disponível em: < <http://www.caminhodosol.org.br/post.aspx?id=23>>. Acesso em: 20 mar.2018.

A figura 1 mostra o trajeto do Caminho do Sol. Uma linha de leste para oeste, no interior do Estado de São Paulo. Uma das cidades mais representativas deste trajeto é Pirapora do Bom Jesus, centro de romaria dos devotos do Bom Jesus. Cabe destacar que parte do percurso cruza com outra importante rota: o trajeto que

¹ Disponível em: < <http://www.caminhodosol.org.br/post.aspx?id=23>>. Acesso em: 20 mar.2018.

leva os romeiros ao santuário de Aparecida. O dia 25 de julho é também a data de emancipação da cidade de Águas de São Pedro, destino final do trajeto que, segundo seu idealizador, “tem a geografia da Galizia²”.

Foi nesta cidade, ao fim do trajeto, que uma imagem de Santiago, trazida da Espanha, foi colocada no centro do Horto Municipal a fim de marcar o fim do percurso. Essa, entre outras referências exploradas ao longo do texto, traz a percepção de que o Caminho do Sol tem como ponto de referência o milenar Caminho de Santiago, na Espanha.

Quanto ao Caminho de Santiago, refere-se ao percurso feito pelos peregrinos que afluem à Santiago de Compostela, desde o século IX, para venerar as relíquias do apóstolo Santiago Maior, cujo suposto sepulcro encontra-se na catedral de Santiago de Compostela (GOMES, 2012). A peregrinação à Compostela foi uma das três grandes rotas da Europa medieval, à qual se associava a *Via Romea Francigena* (com destino a Roma) e a de Jerusalém. Era concedida indulgência plena àqueles que as fizessem.

O trabalho encontra-se organizado em sete capítulos. No primeiro - a introdução da dissertação - são apresentados o problema de pesquisa, objetivos e o processo metodológico utilizado.

No segundo, intitulado Quadro conceitual da pesquisa, busca-se um aprofundamento teórico sobre as questões da memória social, mais especificamente, as reflexões sobre memória e tradição, visto que essa temática é essencial para constituição do estudo. Por tratar sobre os itinerários, peregrinações e romarias, neste capítulo, ver-se-á a interação destas temáticas, com o objetivo de propiciar um entendimento mais aprofundado destes conceitos e seu desdobramento histórico.

Os capítulos três e quatro, que tratam /sobre o Caminho de Santiago e o Caminho do Sol, respectivamente, buscam um melhor entendimento acerca do nosso objeto de estudo. No capítulo três, procurar-se-á olhar como, historicamente, ocorreu a construção do Caminho de Santiago e suas transformações de rota medieval para chegar ao século XXI.

² Galiza é uma unidade administrativa do território espanhol. Compreende cerca de 30.000m² e é onde está a Catedral de Santiago de Compostela.

No quarto capítulo, a observação do Caminho do Sol no intuito de compreender sua história como um trajeto que busca sua constituição através da referência do Caminho de Santiago.

No quinto capítulo, “Memórias enquadradas e tradições inventadas na geração de gestão de percurso turístico-cultural”, a ideia é, por meio das falas dos hospedeiros do Caminho do Sol, identificar estes personagens, compreender como explicam a idealização do projeto e como ocorre a manutenção do caminho.

O sexto capítulo é dedicado ao produto final deste trabalho: a apresentação do aplicativo móvel e suas características.

O capítulo final relaciona os capítulos anteriores e propõe algumas sínteses e conclusões, mesmo que parciais, as quais apontam para outras possibilidades de pesquisa.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Ao entendermos que o peregrino que realiza o percurso do Caminho de Santiago, busca ir ao túmulo do apóstolo Santiago, algumas questões surgem ao pensarmos no Caminho do Sol. Por exemplo: como trazer uma tradição europeia medieval para o interior de São Paulo (Brasil) no início do século XXI? E o que buscaria este peregrino em São Paulo, visto que aqui não há o túmulo do apóstolo a ser visitado?

Diante dessas questões, o problema de pesquisa deste trabalho depara-se com o seguinte questionamento: como o Caminho do Sol se constitui como percurso, tendo como referência o Itinerário Cultural Caminho de Santiago?

Ao longo do trabalho, serão discutidos conceitos sobre memória, tradição, a relação entre percurso e itinerário e entre peregrino e romeiro. A fim de contribuir com a investigação, buscaremos o entendimento dos conceitos de tradição e memória. Também, da forma como os conceitos de Hobsbawm (1984), para a tradição inventada, e de Pollack (1989 e 1992), para o enquadramento da memória, são percebidos neste caso.

Com base nesse referencial, buscar-se-á responder a questões sobre a transposição da ideia “Caminho de Santiago” e de como funciona no trajeto em questão, além de buscar entender como se viabiliza a organização dos responsáveis pelo trajeto. Por conseguinte, procurar-se-á entender, ainda, como o Caminho de

Santiago encaixa-se neste processo e se há a possibilidade de se apresentar um modelo para organização de trajetos baseados no Caminho de Santiago.

1.2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral compreender a relação entre a tradição inventada e a memória enquadrada na constituição do Caminho do Sol (Brasil), cuja referência é o Caminho de Santiago (Espanha).

Para atingir-se o objetivo geral deste trabalho, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) criar um projeto piloto de um aplicativo móvel para criação e sistematização de informações para realização de trajetos de caminhada;
- b) identificar os agentes responsáveis pela idealização e implantação do Caminho do Sol;
- c) compreender como tais agentes explicam a idealização Caminho do Sol;
- d) verificar como ocorre a manutenção da memória entre os agentes Caminho do Sol.

Para tanto, foi constituído um procedimento metodológico com elementos para resolução do problema de pesquisa e cumprimento de seus objetivos.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de contemplar os objetivos expostos, utilizaremos uma pesquisa de natureza exploratório/descritiva (MINAYO, 2009), cuja base é a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados.

A pesquisa de caráter exploratória, segundo Santos e Candeloro (2006), tem por objetivo oferecer uma ampla visão sobre o tema proposto e para a coleta de dados. De acordo com Gil (2010), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema e o aprimoramento das ideias, além de ser bastante flexível e possibilitar a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

No que diz respeito às fases/etapas da pesquisa, foram organizadas do seguinte modo:

- a) 1ª etapa – pesquisa bibliográfica e documental;
- b) 2ª etapa – produção dos documentos orais;
- c) 3ª etapa – organização e análise dos dados;
- d) 4ª Etapa – constituição de APP;
- e) 5ª Etapa – redação.

Como instrumento de coleta de dados, propôs-se a construção de um roteiro de entrevista (ANEXO A), o qual contou com questões fechadas e abertas.

O desenvolvimento da pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa, visando à compreensão dos fatos. A abordagem qualitativa, segundo Oliveira, conceitua-se como:

Um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica [...] observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva. (OLIVEIRA, 2007, p.37).

A abordagem qualitativa foi utilizada ao abordar comportamentos e opiniões, e suas relações nos contextos sociais, em que os acontecimentos estão inseridos. De acordo com Minayo (2009, p.22), o objetivo é trabalhar “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Quanto à forma de abordagem do objeto, esta pesquisa é exploratória e descritiva, na medida em que pretende dar uma visão geral do tema, oferecer informações e delimitar o assunto que será investigado. A pesquisa descritiva tem o objetivo de conhecer e interpretar fatos reais, constatar suas características, a forma como se constituíram, assim como estabelecer relações entre eles (GIL, 2010).

Em relação aos procedimentos técnicos para coleta de dados, a pesquisa é considerada bibliográfica, com revisão de literatura pertinente ao tema. Neste caso, o levantamento bibliográfico é realizado com buscas em material já elaborado, com base principalmente em livros e artigos científicos (GIL, 2010).

Foram produzidos documentos orais, através de entrevistas semiestruturadas, aplicadas com os sujeitos envolvidos nos processos, com o intuito de que suas experiências, no que diz respeito ao objeto estudado, possam contribuir para a

compreensão dos fatos. Conforme Manzini (2004), a entrevista é o método indicado para buscar informações sobre opinião, concepções, expectativa e percepções sobre objetos ou fatos, ou, ainda, para complementar informações sobre fatos ocorridos.

A amostra foi constituída por conveniência, e os elementos escolhidos deliberadamente, segundo os critérios e julgamentos do pesquisador. A escolha ou seleção dos entrevistados ocorreu com base nas informações disponíveis, considerados como representativos da população.

Como amostra da pesquisa, buscou-se o grupo de pessoas envolvidas na execução do Caminho do Sol, especificamente os doze hospedeiros ao longo do trajeto. Seguindo o percurso, pré-definido, pontuam-se as seguintes localidades abaixo. Contudo, devido a problemas técnicos e disponibilidades dos entrevistados, foram realizadas nove entrevistas, nas localidades apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Entrevistas realizadas seguindo o percurso do Caminho do Sol

Trajeto	Entrevistas realizadas
Santana da Parnaíba – Pirapora do Bom Jesus	Santana da Parnaíba
Pirapora do Bom Jesus – Cabrerúva	Pirapora do Bom Jesus
Cabreúva – Harás do Mosteiro (Itú)	Harás do Mosteiro (Itú)
Háras do Monsteiro – San Marino (Salto)	Elias Fausto
San Marino (Salto) – Elias Fausto	-
Elias Fausto – Fazenda Milhã (Capivari)	Fazenda Milhã (Capivari)
Fazenda Milhã (Capivari) – Mombuca	Mombuca
Mombuca – Arapongas	Arapongas
Clube Arapongas – Monte Branco	-
Monte Branco – Artemis (Piracicaba)	Artemis (Piracicaba)
Artemis (Piracicaba) – Águas de São Pedro	Águas de São Pedro

Fonte: Produzido pelo autor, 2018.

Inclui-se, na mostra, a entrevista com o idealizador do caminho – Águas de São Pedro. Esta será utilizada, ao longo da análise, como elo entre os entrevistados. Em síntese, procurou-se compreender como ocorreu a construção, articulação e transmissão da memória entre os agentes do Caminho do Sol em prol da manutenção do itinerário, além de compreender qual a relação desse com o Caminho de Santiago.

As entrevistas ocorreram entre novembro/2017 e janeiro/2018. Estabeleceram-se contatos preliminares (por *e-mail* e telefone) e, após agendamento, realização das entrevistas. Produziu-se, então, uma entrevista piloto que, após validação, compõe o conjunto das entrevistas produzidas, as quais foram gravadas em recurso próprio do aparelho celular do pesquisador (gravador de voz) e, posteriormente, transcritas.

Para a análise e estruturação do conteúdo do material coletado, optou-se por estabelecer um conjunto de pontos de verificação preestabelecidas representadas pelo conjunto de questionamentos feitos ao grupo em questão, que só foi possível devido ao conhecimento prévio do pesquisado em relação aos elementos de sua mostra.

Após ter as categorias elencadas, os entrevistados passam a ser identificados por letras A, B, C e assim, sucessivamente, com o objetivo de preservar sua identidade além de buscar uma melhor estruturação e zelar pelo material coletado. Após avaliação das entrevistas, os pontos relevantes foram inseridos na análise, baseado na escolha metodológica e teórica.

A organização das entrevistas possibilitou esquema com base em categorias e subcategorias, com o objetivo de agrupar elementos, ideias e até mesmo expressões em torno de um conceito que abrangesse todas as informações (GOMES, 2009).

1.4 PRODUTO FINAL

A fim de atender as exigências do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, o qual visa a apresentação de um produto final vinculado à pesquisa, será então apresentado um aplicativo móvel (APP) – em versão piloto – a qual sistematizará informações que favoreçam a gestão de percursos de caminhada. A apresentação desse aplicativo baseia-se no fato de que, ao se fazer buscas em

lojas virtuais (*Google Play / Apple Store*) para realização do Caminho de Santiago e outras rotas da Europa e Estados Unidos, muitas opções de aplicativos surgem com essas finalidades. Entretanto, são poucos os que fornecem algo semelhante para trajetos a serem realizados no Brasil.

2 QUADRO CONCEITUAL DA PESQUISA

Após apontadas as questões introdutórias, o capítulo que se segue contribui para esta dissertação na apresentação de um quadro conceitual deste trabalho. Aqui serão apresentados conceitos que operam em conjunto, tais como memória, tradição inventada e memória enquadrada bem como questões sobre itinerários, peregrinações e romarias.

Dedicaremos, em primeiro momento, atenção ao conjunto de conceitos que abarca a discussão sobre memória. Dito isso é importante frisar que, há séculos, a ideia de memória e a forma como funciona é tema de estudos e debates. O conceito, ao longo do tempo, altera-se e adequa-se às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas.

Nas ciências sociais, encontraremos estudos que relacionam a memória individual ao meio social. Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (2004) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele, a memória aparentemente mais particular remete a um grupo, no qual o indivíduo carrega em si a lembrança, mas interage com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que se constroem as lembranças.

A lembrança individual ocorre durante a composição das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos, impregnada das memórias dos que nos cercam. Assim, ainda que não estejamos na presença destes, a forma de lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca constituem-se, a partir desse emaranhado de experiências, aquilo que percebemos qual um amálgama, uma unidade que parece ser só nossa.

Memória individual e coletiva alimentam-se e têm pontos de contato com a histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm como função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

Mais especificamente, a proposta de memória enquadrada complementa este conceito, quando destaca que uma memória pode ser “herdada”. Isso significa que experiências vividas pelo grupo que se pertence, foram “vividas por tabela” (POLLACK, 1989).

Para Hobsbawm (1984), a ideia de tradição inventada mostra que práticas de natureza ritual ou simbólica pretendem incorporar, a um processo, determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição, a fim de dar continuidade ao passado, a qual não teria, necessariamente, uma origem ancestral em relação à execução.

Neste capítulo, serão apresentados alguns conceitos que compõem o corpo teórico desta pesquisa, com ênfase na relação entre tradição e memória, além de abordar pontualmente a ideia de uma tradição inventada e memória enquadrada.

2. 1 TRADIÇÃO INVENTADA: A BUSCA PELO RITO

Para Hobsbawm e Ranger (1984, p.10) as tradições genuínas são as “que surgiram e que se tornam difíceis de localizar num período limitado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez”. Por isso, não existe a possibilidade de se apontar, de fato, onde começou uma tradição.

A tradição inventada é caracterizada como um conjunto de regras que se estabelecem através da repetição, podendo estas ser de natureza ritual ou simbólica, conseguindo, através dessa repetição, uma continuidade com relação ao passado. Esse conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, teriam por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos, definidos por meio da repetição, em um processo de “continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.22). Via de regra, em um passado histórico apropriado: “[...] as tradições inventadas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente [...]” (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.22).

O autor utiliza a expressão “invenção das tradições” a qual, em sentido amplo, inclui tanto as tradições propriamente inventadas e institucionalizadas quanto aquelas que surgem repentinamente e, da mesma forma, estabelecem-se. Essas últimas permanecem, tais como as outras, como se sua origem fosse remota, ainda que durem relativamente pouco. Além disso, o autor também destaca que é relativamente desconhecido o processo pelo qual os complexos simbólicos e rituais são criados, considerando que a invenção de tradições é um meio de formalização e ritualização, sempre se referindo ao passado, impondo repetição.

2.2 MEMÓRIA ENQUADRADA: MANUTENÇÃO, CONTINUIDADE E COERÊNCIA

No que compete à memória, como campo de estudos, é necessário que se revise o teórico francês Maurice Halbwachs:

Durante o curso de minha vida, o grupo de que fazia parte foi o teatro de certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci senão pelos jornais ou depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros. [...] Uma **memória emprestada**, que não é minha. [...] Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, nada do que o transformou antes que nele entrasse me é completamente estranho. Mas se quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de tal acontecimento, seria necessário que juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é objeto entre os membros do grupo. (HALBWACHS, 2004, p. 54-55) – **grifo nosso**.

Para Halbwachs (2004), a capacidade de lembrar aflora quando se assume o ponto de vista de um ou mais grupos e situamo-nos em uma ou mais correntes do pensamento coletivo:

Assim, se encontrarmos mais tarde membros de uma sociedade que se tornou para nós a tal ponto estranha, por mais que nos encontremos no meio deles, não conseguimos reconstituir com eles o grupo antigo. É como se abordássemos um caminho que percorremos outrora, mas de viés, como se o encarássemos de um ponto de onde nunca o vimos. (HALBWACHS, 2004, p.31).

Assim, as identidades seriam organizadas pela participação em comunidades transnacionais e desterritorializadas. Por isso, a referência ao passado tornar-se-ia, cada vez mais, necessária, já que funciona como uma forma de reafirmação de reconhecimento das experiências do passado.

Neste sentido, Halbwachs complementa dizendo:

Como a lembrança aparece pelo efeito de várias séries de pensamentos coletivos em emaranhados, e não podemos atribuí-la exclusivamente a nenhuma dentre elas, nós supomos que ela seja independente, e opomos sua unidade a sua multiplicidade. Como supor que um objeto pesado, suspenso no ar por uma quantidade de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vácuo, onde se sustenta por si mesmo. (HALBWALCHS, 2004, p.52).

Michael Pollak (1989) propõe que, em vez de se lidar com os fatos sociais como coisas, analise-se “como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p.3). Assim, o autor adota a ideia de memória enquadrada em lugar de memória coletiva. A memória, “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (POLLAK, 1989, p.7), integra-se a tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades – partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, famílias, comunidades, nações, categorias profissionais...

Como pontua Pollak (1989), a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, complementaridade mas também as posições irreduzíveis.

Toda organização, empresa ou afim veicula o próprio passado e a imagem que forjou de si mesma. “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo.” (POLLAK, 1989, p.15). Este trabalho de enquadramento conta com a colaboração de atores profissionalizados, profissionais da história, e representantes instituídas por elas ou por seus pares, os guardiães “oficiais” desta história.

Pollak (1992) observa que a memória, individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos acontecimentos, pessoas e lugares. As experiências são as vividas pessoalmente e ainda aquelas que, não vivenciadas particularmente por nós, foram vivenciadas pelo grupo a que se pertence. Assim, foram vividos indiretamente, fato que resulta numa memória “herdada”. Ressalta, também, que a memória não se resume à vida de alguém mas é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizada a partir do presente e, em parte, herdada.

Percebe-se, neste ponto, a proximidade deste conceito com o trazido por Joël Candau (2011, p.24), “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo.”

Neste aspecto, Pollak (1992) completa: “quando se trata da memória herdada, pode-se dizer que há uma relação de proximidade entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p.5), entendida aqui como a imagem que se constrói e apresenta a si e aos outros, da maneira como quer ser percebido

Assim, a memória é um elemento que compõe a própria ideia de identidade, individual ou coletiva, na medida em que ela é também um fator do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992).

Neste ponto, Candau (2011) faz uma ressalva: a existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que tenha compartilhado as mesmas representações do passado.

Dessa forma, se a memória é um fenômeno construído individual e socialmente e o outro indivíduo faz parte desta construção, é natural o conflito entre a memória individual e a memória alheia. Assim “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.” (POLLAK, 1992, p.5). Pollak (1992) afirma ainda que a memória é um fenômeno construído e explica: “quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes ou inconscientes.” (POLLAK, 1992, p. 4-5).

A respeito da memória de grupos, Pollak (1992) propõe a introdução do conceito de enquadramento de memória e afirma há três elementos, os quais servem de apoio à memória: pessoas, acontecimentos e lugares. As experiências vividas neste contexto passarão a integrar um “fundo comum cultural”, elemento unificador dos diferentes aspectos que constituem uma pessoa ou um grupo.

Esse “enquadramento” da memória, além de servir como um referencial do passado, evidencia a disputa em torno da memória além de revelar uma forma de manter a coesão dos grupos sociais e alimentar-se do material oferecido pela história, o qual pode ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas, guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais mas também de modificá-las. “[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização.” (POLLAK, 1989, p.7)

Candau (2011) afirma, ainda, que há uma relação direta entre identidade e memória. Nesse sentido, a memória modela as pessoas e é modelada por elas. Assim, parece corresponder (pelo menos em parte) à proposta de uma memória enquadrada, segundo Pollak (1989), na qual se afirma que uma memória pode ser “herdada”, pela convivência. Segundo Hobsbawn (1984), seria essa vivência herdada ou tradição inventada que atua na perpetuação de um passado (que pode não ter sido vivido de fato), por meio de repetições ritualísticas e simbólicas.

A ideia de que é possível inventar uma tradição ou revivificá-la em outro contexto e lugar e utilizar-se de um conjunto de memórias não vividas ou herdadas, a fim de que haja coesão em sua proposição, parece contribuir para o objetivo fim da pesquisa: compreender se é possível constituir um percurso, com regras e símbolos que mimetizem outro. Especificamente, mostra ser possível entender a construção do Caminho do Sol, sob os alicerces do Caminho de Santiago.

Procuramos, nesse capítulo, explorar os conceitos de memória, memória inventada e tradição inventada, visto ser pertinente a este estudo a relação entre esses conceitos para entendermos a construção da memória como um ato coletivo e que a lembrança é a relação entre eu e o outro. Apresentamos os conceitos de memória enquadrada e de tradição inventada e entendemos que, ao discutirmos estes conceitos, não podemos dissociá-los de uma construção social, feita na interação do eu com o meio social. Por conseguinte, é possível o entendimento de que uma tradição é construída socialmente. A seguir, a ideia de itinerário, peregrinações e romarias.

2.3 ITINERÁRIOS: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PERCURSO

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios³ (ICOMOS) aponta que itinerário cultural se trata de “uma via de comunicação terrestre, aquática, mista ou outra, determinada materialmente, com uma dinâmica e funções históricas próprias, ao serviço de um objetivo concreto determinado” (ICOMOS, 2008).

Nesse contexto, a Carta dos Itinerários Culturais⁴ aponta que o conceito de itinerário cultural apresenta-se como “o resultado dum longo processo evolutivo, no qual intervêm, de forma coletiva diferentes factores humanos que coincidem e se dirigem para um mesmo fim”. Neste quesito, destaca nominalmente o Caminho de Santiago, declarado o Primeiro Itinerário Cultural Europeu, em 1987, e Patrimônio da Humanidade (na Espanha, em 1993 e na França, em 1998).

Diferentemente do itinerário cultural, o roteiro turístico de interesse cultural surge da busca da união de pontos culturais existentes; porém, sem relação de funcionamento entre si. Segundo Pinheiro (2007), os itinerários culturais são aqueles

³ Conselho Internacional de Monumentos e Sítios é uma organização não governamental global associada à UNESCO.

⁴ Elaborada pelo Comitê Científico Internacional Dos Itinerários Culturais. Icomos, Canadá, out. 2008. Disponível em: <<https://www.icomos.org/fr/>>.

que aproveitam uma via preexistente e fazem dela o seu tema. Os percursos, a que poderemos chamar “Itinerários Turísticos de Interesse Cultural”, são rotas temáticas (históricas, literárias, arqueológicas ou outras) que usam um recurso cultural como tema aglutinador e constroem uma via pela qual o utente/turista poderá percorrer a história ou a cultura de um local.

Já o conceito de percurso apresentado por Rachel Bouvet (2010, p.317) contribui para esta discussão, porque diz que “suscita, desde logo, uma imagem de movimento, um vestígio, um caminho já balizado ou desenhado ao longo da estrada”. O percurso aproxima-se de outro conceito: nomadismo. Nele, entende-se que o peregrino “sabe onde vai, segue um traçado já conhecido, ou em parte, “[...] ele conhece o meio ambiente e encontra nela facilmente pontos de referência, signos que lhe permitem continuar seu caminho.” (Bouvet, 2010, p.317).

A fim de melhor compreensão, estabeleceremos o termo “itinerário cultural” ao nos referirmos ao Caminho de Santiago, e “percurso” ao trazermos o Caminho do Sol. Diante dos conceitos acima esclarecidos, faz-se importante trazer à presente discussão o conceito de peregrinações e romarias.

2.4 PEREGRINAÇÕES E ROMARIAS: DO PASSADO A CONTEMPORANEIDADE

O termo "peregrino" remonta da primeira metade do século XIII, utilizado para denominar os cristãos que viajavam a Roma ou à Terra Santa (onde atualmente se encontra o Estado de Israel e os territórios palestinos) para visitar os lugares sagrados. Esses peregrinos buscavam percorrer os caminhos como forma de castigo autoimposto a fim de expiar pecados e, outras vezes, cumprir penas canônicas⁵. Vidotte e Rui (2011), ao traçar a motivação dos peregrinos, apontam: “a viagem que realiza na vida terrena, efêmera, visa a realização plena na vida celeste, eterna”. (VIDOTTE; RUI, 2011, p.144)

Ao mesmo tempo, como aponta Bastista Netto (1988, p.1), na Idade Média viajar significa, acima de tudo, sofrimento. O autor ilustra seu pensamento com a etimologia da palavra *travel*, do inglês que, conforme o autor, “é uma evolução de *tria paulus*, instrumento de tortura de tempos romanos, passando pela forma de *travail*, que indica agonia, dor intensa e sofrimento”.

⁵ Pelo menos desde o século VII, como aponta Pierre Riche (1997), há uma quantidade significativa de peregrinos se dirigindo, principalmente para Roma.

Sanchis (2006) corrobora essa informação e complementa que a romaria é constituída de um caminhar muitas vezes penoso e até doloroso, em condições voluntariamente precárias, por muitas vezes demorado, mas sempre cheio de encantos.

A peregrinação caracteriza-se por ser uma viagem realizada por devoção a um local sagrado, com três elementos fundamentais: o peregrino, o local sagrado e o caminho que leva até esse local. Porém, de acordo com Pereira (2003) é relevante salientar que os motivos que motivam os indivíduos a realizar a peregrinação são bastante diversos e não se resumem a questões religiosas.

Buscando uma contextualização, Lima (2007) aponta:

Lugares de peregrinação, de romaria ou de visita devocional foram assim os santuários semitas do século XII da era pré-cristã, como são assim os santuários hiperorganizados de Meca, de Lourdes ou de Fátima; funcionam assim os lugares santos de Benares, Jerusalém, de Guadalupe ou de Santiago de Compostela, como funcionam também os santuários da Grécia antiga. Milhões de peregrinos em Lourdes, na Aparecida (em São Paulo), em Jerusalém, em Meca ou em Fátima: uma experiência disseminada pelos quatro cantos do mundo, que instiga a reflexão de historiadores, antropólogos, sociólogos e teólogos. (LIMA, 2007, p.10).

Parece não haver diferença substancial entre os termos peregrinação e romaria, sendo, na maioria das vezes, palavras utilizadas como sinônimos. A expressão 'romaria' faz alusão à cidade de Roma, matriz da Igreja Católica Apostólica Romana. Portanto, aplica-se, particularmente, às viagens católicas aos recantos sagrados.

Sanchis (2006) atribui às romarias uma importante função: a de preencher o imaginário religioso das populações, “[...] uma experiência, singular, individual e/ou coletiva, que ritmava, em muitos casos, o fluxo dos anos, as etapas da vida (namoros, casamentos, chegada dos filhos, carreira, problemas e restabelecimentos da saúde).” (SANCHIS, 2006, p.86).

Como a peregrinação, a romaria é uma viagem a lugares santos e de devoção, empreendida pelos que desejam pagar promessas, rogar por graças ou revelar gratidão pelos desejos realizados. As pessoas, normalmente, agrupam-se para realizar esta jornada e seguem a pé ou em veículos.

Valle (2006) comenta que caminhar, peregrinar e fazer romarias não é algo novo para o povo católico brasileiro, pois há séculos existem santuários nacionais,

regionais e locais espalhados por todo o Brasil e que esse elemento cultural foi importado de Portugal. O objetivo dessas travessias é conquistar a influência e as benesses específicas que só Deus pode conceder aos fiéis, em troca de sua dedicação. Praticamente, todas as instituições religiosas têm a romaria como ingrediente especial de seus rituais.

No Brasil, são célebres as que se dirigem a Aparecida, em São Paulo, cidade onde foi resgatada a imagem de Nossa Senhora de cor negra, depois denominada Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Além dessa, também em São Paulo acontece a romaria de Bom Jesus de Pirapora. Já em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, tem como destino um santuário situado em uma gruta à margem do Rio São Francisco. Em Canindé, no Ceará, em honra a São Francisco de Assis, a segunda maior romaria do planeta no culto a este santo. Na cidade de Trindade (GO), a do Divino Pai Eterno. Já, em Juazeiro do Norte, no mesmo estado, a romaria à terra natal de Padre Cícero.

A nível mundial, em países como a Índia, peregrinos dirigem-se ao Ganges, rio considerado sagrado pelos hindus, com o objetivo de mergulhar em suas águas. Entre os muçulmanos, há o hábito estabelecido por Maomé de partirem na direção de Meca, no mínimo uma vez, ao longo da vida. Os judeus, por sua vez, incentivam as idas eventuais ao Templo de Jerusalém. Assim, vê-se que outras culturas e religiões também preservam as próprias romarias.

O sociólogo francês E. Durkheim (apud VALLE, 2006, p.41) tinha o foco dos estudos em peregrinações locais. Preocupava-se em mostrar as romarias e a própria religião como fator de harmonia e integração social. Grandes manifestações religiosas, especialmente em sociedades mais simples, eram, para ele, um fator de unificação e regeneração moral, cujo fator decisivo a ser considerado era o social e não, o religioso.

Para esse autor, o sagrado não existe como uma realidade em si mas como fato social expresso através de rituais e símbolos religiosos, ou seja, é algo criado pelos indivíduos. As romarias “funcionariam” socialmente como “uma mediação capaz de congregar diversas comunidades locais e grupos sociais em uma coletividade mais extensiva.” (DURKHEIM apud VALLE, 2006, p.41).

Os autores De Fiores e Meo (1995, p.1032) afirmam que “a peregrinação será essencialmente uma partida” e que o peregrino é “alguém que passa”. Além disso,

acrescentam que se apresenta como um símbolo para os peregrinos e, por isso, faz parte de sua essência.

Afirmam, ainda, que a peregrinação é parte constitutiva da igreja e da sua missão, presente não apenas no cristianismo ocidental mas como fenômeno universal. Diferentemente de peregrinação, que compreende longos deslocamentos, o termo “romaria”, segundo Nolan e Nolan (1989 apud STEIL, 2003), específico das línguas portuguesa e espanhola, relaciona-se a deslocamentos curtos, os quais envolvem comunidades e combinam aspectos festivos e devocionais⁶.

É nesse sentido que adotaremos o diferencial entre os termos, ao mostrar que a peregrinação, muitas vezes, é um ato solitário, pouco institucionalizado e de maior distância e a romaria, com datas e normas de caráter institucional a serem seguidas, geralmente festiva e de menor extensão de percurso.

Ao analisarem os trajetos de caminhada, especificamente, os novos trajetos e seus caminhantes⁷, sob um olhar contemporâneo, Santos e Fagliari (2003, p.39) apontam que: “a evolução das formas de peregrinação trouxe consigo algumas alterações em seu significado, causando discussões quanto à sua autenticidade”. O estudo foca nestas novas possibilidades no Brasil e precisa uma data de referência para tal movimento. “No Brasil surgiram, a partir do final da década de 1990, algumas rotas de “peregrinação” cm características bastante incomuns, em grande parte inspiradas no Caminho de Santiago de Compostela.” (SANTOS; FAGLIARI. 2003, p.39).

Nesse sentido, apontam que o processo de criação destes novos trajetos segue “a partir da imaginação e do trabalho humano”. E complementam:

Em relação aos destinos finais de tais jornadas, por exemplo, não existia anteriormente nenhuma devoção especial que fosse motivo de deslocamentos humanos. Em outras palavras, os destinos finais destas “peregrinações” foram criados, implantados. (SANTOS; FAGLIARI. 2003, p.47).

Os autores destacam que, neste processo, o caminho em si (o ato de caminhar) passa a ter mais importância que o destino final e o contato social entre

⁶ O *Arzobispado de Santiago de Compostela*, aponta uma definição de caráter etimológico: Peregrino é aquele que vai a Santiago. Palmeiros os que vão a Terra Santa e, por consequência, Romeiros os que vão a Roma. Disponível em: < <http://www.archicompostela.es/>.>

⁷ Em estudo intitulado *Peregrinação e Turismo: As novas rotas “religiosas” do Brasil*, os autores analisam cinco novas rotas: Passos de Anchieta; Caminho da Luz; Caminho das Missões; Caminho do Sol e Caminho da Fé. (SANTOS; FAGLIARI, 2003).

os integrantes passa ser o principal atrativo. Estes novos trajetos, muitas vezes, deixam de ter foco exclusivo em aspectos religiosos institucionalizados em prol de “atrativos como cachoeiras, praias, montanhas, ruínas históricas, monumentos artísticos e gastronomia”. (SANTOS; FAGLIARI, 2003, p.47).

A importância do “caminhar” também é apontada no estudo de Toniol (2012). Seu estudo, com base antropológica, acompanhou caminhantes em trajetos de longo curso no Estado do Paraná e aponta que “o deslocamento que se realiza na caminhada não é simplesmente um modo de passar de um lugar a outro, mas um tipo de *inter-ação* do corpo com o mundo e do mundo com o corpo”. (TONIOL, 2012, p.31).

Em olhar complementar, Steil e Carneiro (2008) observam que estes novos trajetos e formas de realizá-los são frutos de novas possibilidades de interpretação religiosa, em que a religiosidade admite diferentes facetas.

[...] elementos de uma espiritualidade Nova Era numa matriz e experiência do catolicismo tradicional, apontando para dois aspectos: de um lado, para a porosidade das fronteiras entre as religiões estabelecidas (institucionalizadas) dentro do modelo de “igreja”, no sentido sociológico dado por Weber a essa categoria, e as religiões do self; de outro, para a complexidade das relações entre peregrinação e turismo e de suas próprias significações. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.47).

Esta nova forma de religião, a do self, destacada pelos autores, encontra eco na visão de “saúde” de Toniol:

[...] essa busca do aperfeiçoamento de si, a partir deste tipo de engajamento na natureza, coloca em evidência uma noção ampla de saúde que extrapola os próprios limites corpóreos dos sujeitos e incorpora o cuidado com esses espaços em que se caminha como condição de bem-estar. (TONIOL, 2012. p.30).

Steil e Carneiro (2008) concordam com Santos e Fagliari (2003) em vários aspectos:

Acreditamos ainda que essa nova modalidade de peregrinação, a que provisoriamente atribuímos o rótulo de “moderna”, parece revitalizar o fenômeno da peregrinação não só como experiência religiosa, de um lado, mas também como expressão cultural (turística), de outro. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.108).

E, ainda, destacam que: “Os Caminhos de Santiago no Brasil” estariam, assim, reinterpretando as peregrinações dentro de uma outra chave de leitura, a

qual parece substituir os conteúdos da tradição dominante do catolicismo pela reflexividade. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.112).

Neste sentido, observa-se que há concordância entre os autores. As novas formas de peregrinar apontam para inúmeras possibilidades de interpretação, em prol de um estilo de vida mais saudável, pela busca por novas paisagens ou monumentos mas, em especial, pela possibilidade de que o contato social e o processo de caminhada, por si, permitam momentos de religiosidade própria e reflexão:

Características estas, próprias de um movimento cultural mais identificado com uma postura de espiritualidade contemporânea, mais difusa, menos institucionalizada, uma espécie de espiritualidade sem religião, característica marcante do que vem sendo chamado de Movimento New Age. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.112).

Outro fator que parece fazer parte deste novo rito de caminhada, em trajetos implantados, é sua lógica como estrutura de negócio. Santos e Fagliari (2003) apontam que passa pela motivação dos idealizadores, além dos aspectos espirituais e religiosos, também questões de ordem econômica, isto é: “resultados práticos ligados ao desenvolvimento econômico e social das regiões cortadas pelo trajeto e a sustentabilidade financeira do projeto em si”. (SANTOS; FAGLIARI, 2003, p. 49).

Nesse sentido, buscam uma síntese entre o aspecto religioso dos projetos que “visam ao resgate da fé, enquanto do lado econômico, objetivam o desenvolvimento de novos produtos no cenário nacional de turismo”.(SANTOS; FAGLIARI, 2003, p. 49)

[...] seria uma tendência que é impulsionada também pela crise que afeta a economia e a reprodução social dos pequenos e médios municípios no país, que passam a ver no turismo rural, ecológico e religioso uma saída para a crise. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.112).

Se uma nova forma de espiritualidade e fatores econômicos são alguns dos fatores de “criação/implantação” de novos caminhos, para usar o termo de Santos e Fagliari, no que tange aos seus idealizadores, Toniol (2012) ressalta que as dificuldades são o elemento que liga os caminhantes.

A descrição da experiência da caminhada para muitos dos caminhantes tem como fio condutor os percalços, as dificuldades enfrentadas nas distâncias percorridas, os terrenos íngremes. A exaustão física é posta em

relevo e essa valorização das dificuldades contribui para tornar mais “autêntica” a experiência entre os sujeitos. (TONIOL, 2012, p.34, grifo do autor).

Mostra-se, acima, uma retomada do pensamento descrito por Valle (2006) e Sanchis (2006), de que o trajeto da peregrinação ou romaria caracteriza-se por ser algo penoso, repleto de dificuldades, fato que aproxima o caminhante do santo ou do lugar sagrado pelo sofrimento. Contudo, nesta nova forma de peregrinar, não só o caminho foi ressignificado, mas também o ato em si. A dificuldade confere autenticidade ao processo. E é esta experiência, talvez mais comum a todos do que uma ou outra forma de expressão religiosa, que será comum e compartilhada como conquista.

Ao longo deste capítulo, foi possível conhecer a tabela conceitual que compõem esta pesquisa. No capítulo que segue, abordaremos referências e características do Caminho de Santiago, a fim de conhecer sua história medieval e transformação em itinerário cultural.

3 CAMINHOS DE SANTIAGO DE COMPOSTELA: O ITINERÁRIO CULTURAL EUROPEU

O capítulo que segue busca apresentar os caminhos de Santiago de Compostela, isto é, as diversas rotas de peregrinação do continente europeu, que levam à catedral de Santiago de Compostela. Ali, acredita a tradição católica, estão os restos mortais do apóstolo Tiago. Cabe lembrar que as primeiras peregrinações do Cristianismo datam do início do século IV (quando o Cristianismo foi tornado *religio licita*) e tinham por destino a Terra Santa.

Para peregrinar, deve-se considerar que não se trata apenas do ato de caminhar (no caso da peregrinação a pé) ou executar um trajeto com um determinado número de quilômetros. É reconhecido que a ação necessita de um caminhar motivado "por" ou "para algo". Tem, assim, um acréscimo de sentido e valor, sempre que alguém a executa. Nesse sentido, o santo ou o local sagrado assumem papel significativo, pois, como destaca André Vauchez “acima de tudo um morto ilustre cuja história não se conhece exactamente, mas de quem se sabe que, em vida, sofreu perseguições e tormentos por amor a Deus.”(VAUCHEZ apud VIDOTTE; RUI, 2011, p.144).

Sendo assim, o intuito de todos os caminhantes e peregrinos que percorrem o Caminho de Santiago é chegar a Santiago de Compostela, onde, segundo a tradição, estão os restos mortais de Santiago, um dos apóstolos de Cristo. Tiago, como era chamado, era filho de Zebedeo e Salomé e irmão de João "O Evangelista". Após a crucificação de Cristo, foi pregar o evangelho na península Ibérica mas martirizado ao retornar para Jerusalém por volta do ano 40 D.C. O corpo foi recolhido pelos discípulos ibéricos que o trasladaram de volta para a Espanha. Porém, a tumba perdeu-se ao longo de séculos. Por volta de 814, um eremita teve uma visão de um Campo de Estrelas (Compostela) que indicou a sepultura do Santo. Neste local, foi construída a primeira igreja que hoje dá lugar à catedral de Santiago (CARDOSO; ALMEIDA, 2005).

Cabe aqui destacar que “em Jerusalém se encerra a vida terrena do Apóstolo e na Galiza se inicia sua vida post mortem.” (VIDOTTE; RUI, 2011, p.148). Isto é, encerra-se o caminho físico e terreno para ter início o caminho do simbólico⁸.

⁸ Vidotte e Rui (2011) discorrem sobre o culto de Santiago na Idade Média e constroem três estamentos para o entendimento do fenômeno: caminhos físicos, imaginários e simbólicos.

A promoção de Compostela, como centro de peregrinação, teve o beneplácito de Carlos Magno⁹, que nela via mais uma forma de defender as fronteiras de invasões árabes. A notícia espalhou-se por toda a Europa cristã e os peregrinos começaram a se dirigir ao lugar do sepulcro, o chamado *Campus Stellae* (Campo da Estrela), que, mais tarde, tornou-se Compostela.

Segundo a tradição, foi o bispo Teodomiro, quem no século IX encontrou o sepulcro do Apóstolo, depois de ter sido alertado de que, no monte LíberumDonum à meia noite se ouviam cânticos e se vislumbravam luzes e estrelas. Neste local encontravam-se três túmulos, sendo um de maior dimensão que os outros dois. Aberto o maior, encontraram um corpo com a cabeça cortada, com um bordão e um letreiro que dizia “aqui jaz S. Tiago, filho de Zebedeu e de Salomé, irmão de João, o qual foi morto por Herodes em Jerusalém; veio por mar com os seus Discípulos até Iria Flávia da Galiza e chegou aqui num carro puxado por bois pertencentes a Lupa proprietária deste campo donde eles não quiseram ir mais adiante. (MARTINS, 1992, p.97).

A peregrinação a Santiago faz parte também da literatura medieval. Em // *Milione*, no diário de viagens de Marco Polo¹⁰, há menção à peregrinação, em citação literal, quando é descrita seguinte passagem: “[...] da ilha de Seilla”. O Ceilão era um território português localizado no atual Sri Lanka, o que representa um período da história do Sri Lanka entre 1505 a 1658:

Foi nessa ilha de Ceilão, na Índia, que se ergueu o primeiro ídolo a ser adorado, e dele descenderam todos os outros. **Assim como os cristãos vão em peregrinação visitar São Tiago, na Galiza**, os peregrinos vêm dos mais longínquos lugares visitar este Deus.” (POLO, 2003, p.118-119, grifo nosso).

Reconhecido como uma das figuras mais importantes para a constituição do itinerário cultural do Caminho de Santiago, Elís Valiña Sampedro, conhecido como o Cura (padre) do Cebreiro, foi um grande estudioso do caminho:

Por volta da segunda metade do século XX, quando alguns estudiosos como Elías Valiña e Antonio Viñayo começaram a investigar, documentar e

⁹ Apontam Campos e Reis (ano?), a influência de Carlos Magno (742-814) ao longo do reinado de Alfonso II (791-842) da Espanha. Ele mesmo era peregrino de Santiago. Sua posição garantia a presença da cristandade em território disputado com os reinos islâmicos (711-1492).

¹⁰ *As Viagens de Marco Polo* é o nome usual para o livro de viagens de Marco Polo, // *Milione* (O *Milione*, abreviação para *Emilione*, o apelido de família de Marco). O livro é um diário de suas viagens ao longo da Rota da Seda até à China, que ele chama Cathay (norte da China) e Manji (sul da China). Polo ditou o livro a um escritor de romances, Rustichello da Pisa, enquanto estava preso em Génova de 1298-1299.

– no caso de Valiña – sinalizar o Caminho de maneira moderna, os peregrinos tinham de confiar em vários sinais primitivos ao longo do caminho¹¹. (HARRISON, 2013, p.3).

Está análise também é seguida por Herrera (1999), que aponta a dedicação de Valiña:

Elias Valiña dará – infelizmente - não longa vida para o Caminho de Santiago. Vai dedicar uma boa parte da mesma à verificação, ponto a ponto, do traçado da rota; ao seu esclarecimento por meio de uma sinalização simples e laboriosa: pintar flechas amarelas – pontos amarelos onde o espaço não permite desenhos - em cada desvio, a cada a hesitação possível ao ânimo do viajante¹². (HERRERA, 1999, p.3)

Conta-se que, ao ser questionado sobre as marcações que fazia ao longo da estrada, Elías Valiña disse apenas: “*Estoy preparando una gran invasión*”.

Um dos elementos mais característicos do Caminho de Santiago, as setas amarelas, são bem mais recentes: Começaram a ser pintadas em 1980 pelo Padre Elías Valiña Sampedro, no segmento entre França e Compostela. (SIMAS, 2015).

Harrison (2013) coloca Valiña como primeiro estudioso a dedicar-se ao estudo sistematizado das rotas medievais. Defendeu tese de doutorado acerca desse tema em 1965, na *Universidad Pontificia de Salamanca*. Ele afirma:

Sem dúvida, graças ao empenho de um padre galego, o padre Elías Valiña Sampedro, hoje em dia a rota jacobea está sinalizada e é conhecida, pelas flechas amarelas onipresentes ao longo de todo caminho desde Roncesvalles até Compostela¹³. (HARRISON, 2013, p.11).

Atualmente, há diferentes modelos de marcação do caminho, tais como vieiras, totens e placas. Entretanto, as flechas amarelas são onipresentes. A figura 2 representa a seta amarela como proposta por Valiña.

¹¹ “Antes de la segunda mitad del siglo XX, cuando algunos estudiosos como Elías Valiña y Antonio Viñayo empezaron a investigar, documentar y –en el caso de Valiña– señalar el Camino de manera moderna, los peregrinos tenían que confiar en varias señales primitivas a lo largo del Camino”.

¹² “Elías Valiña va a dar su — desgraciadamente— no larga vida por y para el Camino de Santiago. Va a dedicar muy buena parte de ella a la comprobación, punto por punto, del trazado de la ruta; a su esclarecimiento mediante una señalización simple y laboriosa: pintar flechas amarillas — toques amarillos allí donde el espacio no permite diseños— en cada desvío, en cada vacilación posible en el ánimo del caminante”.

¹³ “Sin embargo, gracias al empeño de un cura gallego, el padre Elías Valiña Sampedro, hoy en día la ruta jacobea está señalizada, y es conocida, por las flechas amarillas onnipresentes a lo largo del camino desde Roncesvalles hasta Compostela”.

Figura 2 – Seta /flecha amarela – Caminho de Santiago: *Saint Jean Pied de Port* – *Roncesvalles*



Fonte: produzida pelo autor, 2014.

Na figura acima podemos observar a “seta amarela” idealizada e pintada Valiña, localizada entre as cidades de *Saint Jean Pier de Port*, na França e a cidades de *Roncesvalles*, já em território espanhol.

Figura 3 – Marcação moderna – Caminho de Santiago: *Samos* – *Sarria*



Fonte: produzida pelo autor, 2014.

A figura 3 apresenta o moderno sistema de marcação, em placas de metal, com sinalização padronizada. Esta foto foi tomada entre as cidades de *Samos* e *Sarria* cerca de 200 quilômetros de Santiago de Compostela.

No ano de 1982, o papa João Paulo II tornou-se o primeiro papa a peregrinar a Compostela. Três anos depois, em 1985, a UNESCO declarou Santiago de Compostela como "Patrimônio da Humanidade". Na mesma ocasião, o Caminho de Santiago recebeu o título de "Primeiro Itinerário Cultural Europeu". Posteriormente, em 1987, foi declarado como Primeiro Itinerário Cultural Europeu e Patrimônio da Humanidade (na Espanha em 1993 e na França em 1998).

Foi em 1988 que o governo de Navarra passou a zelar, oficialmente, pelo Caminho de Santiago. Desde então, proibiu o tráfego de veículos motorizados na rota histórica bem como impediu qualquer construção a menos de trinta metros do trajeto.

O Caminho de Santiago é formado por caminhos que se espalham por toda a Europa e interligam-se nos caminhos espanhóis. Com exceção das diferentes vias do Caminho Português e do Caminho da Prata, do qual uma variante atravessava o nordeste de Portugal, com origem ao sul, e do Caminho Inglês que vinha do Norte, a maior parte ligava-se ao Caminho Francês, cuja rota mais popular entra na Espanha na zona de *Pamplona (Roncesvalles)* e encontra-se com as restantes em *Puente la Reina*, seguindo ao longo do norte da Espanha.

O trecho mais conhecido dos Caminhos de Santiago é chamado de Caminho Francês, que parte de *Saint Jean Pied de Port*, ao sul da França. Com cerca de 800 km, o trajeto leva a Santiago de Compostela, na Espanha. A figura 4, apresentada a seguir, mostra um esboço dos diferentes trajetos que formam o Caminho de Santiago.

De acordo com a figura 4, percebe-se que existe não só o Caminho Francês mas outros com o mesmo destino: o Caminho de *Finisterre - Finisterre* à Santiago, o Caminho Inglês - *Ferrol* à Santiago, o Caminho do Norte - *Ribadeo* à Santiago, o Caminho Português - Lisboa ou Porto a Santiago e o Caminho Primitivo - Porto do Acebo a Santiago.

FIGURA 4 – Caminhos de Santiago

Fonte: Disponível em:< <https://www.meuscaminhos.com.br/saiba-sobre-o-caminho-de-santiago/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

No fim do século XX, este itinerário tornou-se responsável pela movimentação de milhares de pessoas conforme dados apresentados na tabela 1.

Tabela 1 – Número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela de 2012 a 2016

Ano	Número de peregrinos
2016	277.854
2015	262.516
2014	237.983
2013	215.880
2012	192.488

Fonte: Disponível em:<<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

Números mais expressivos podem ser vistos em anos *Jacobeos*, também conhecido como Jubileu ou Ano Santo, celebrado desde a Idade Média quando, no dia 25 de julho, a festa do apóstolo Santiago cai em um domingo.

Ao verificar dados de 2010 – último ano Santo com estatísticas disponíveis - chegaram a Santiago de Compostela 272.135 peregrinos.

Tabela 2 – Número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela no ano *Jacobeu* de 2010 – Gênero

Gênero	Número de Peregrinos	Percentual
Feminino	120.429	44,25%
Masculino	151.706	55,75%

Fonte: Disponível em:<<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

Na tabela 2, observa-se o dado de chegada de peregrinos tendo o elemento gênero como indicador. Percebe-se a aproximação entre ambos, com uma diferença em torno de 11% entre os gêneros.

Na tabela 3, consta as faixas etárias dos peregrinos. Destaque à média entre 30 e 60 anos de idade.

Tabela 3 – Número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela no ano *Jacobeu* de 2010 – Faixa etária

Faixa Etária	Número de Peregrinos	Percentual
30 – 60	158.184	58,13%
< 30	79.899	29,36%
> 60	34.052	12,51%

Fonte: Disponível em:<<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

Mais da metade dos peregrinos que chegam a Santiago têm entre 30 e 60 anos, fato que denota a presença massiva de indivíduos maduros, especialmente se considerarmos os 12% de indivíduos acima de 60 anos.

A forma de peregrinação, isto é, o como o indivíduo percorre o caminho aponta para a grande incidência de pessoas que fazem o caminho a pé, conforme dados apresentados na tabela 4. Esta modalidade é superior a todas as demais somadas. Contudo, chama a atenção a informação de peregrinos em cadeiras de rodas. No ano em questão, 42 pessoas.

**Tabela 4 – Modo de chegada de peregrinos – Santiago de Compostela no ano
*Jacobeu de 2010***

Meio	Número de peregrino	Percentual
A pé	237.852	87,40%
Bicicleta	32.926	12,10%
Cavalo	1.315	0,48%
Cadeira de rodas	42	0,02%

Fonte: Disponível em: <<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

A seguir, a tabela 5 dispõe de dados de nacionalidade dos peregrinos.

**Tabela 5 – Peregrinos por nacionalidade – Santiago de Compostela no ano
*Jacobeu de 2010 (Recorte das 10 mais presentes)***

País	Número de peregrino	Percentual
Espanha	188.089	69,12%
Alemanha	14.503	5,33%
Itália	14.222	5,23%
França	9.140	3,36%
Portugal	7.786	2,86%
Estados Unidos	3.334	1,23%
Irlanda	2.296	0,84%
Brasil	2.121	0,78%
Holanda	2.063	0,76%
Polônia	2.040	0,75%

Fonte: Disponível em: <<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

A forte presença dos espanhóis é facilmente percebida. Correspondem a cerca de 70% dos peregrinos. Cabe destacar duas hipóteses para este fato. A primeira, lembrança da Espanha como território católico cujo santo padroeiro é o próprio Santiago; a segunda, a consideração de que o trajeto, em si, localiza-se em território espanhol.

A tabela 6, apresentada abaixo, mostra o número de pontos de início da peregrinação.

Tabela 6 – Peregrinos por local de início de trajeto – Santiago de Compostela no ano *Jacobeu* de 2010 (Recorte das 10 mais presentes)

Local	Distância de Santiago de Compostela (KM)	Número de peregrino	Percentual
Sarria	115	67.869	24,94%
Cebreiro	158	22.057	8,11%
Tui	115	18.121	6,66%
S. Jean Pied Port	810	17.819	6,55%
Roncesvalles	790	13.620	5,00%
Ponferrada	211	12.810	4,71%
León	245	11.677	4,29%
Astorga	282	7.404	2,72%
Ourense	104	6.905	2,54%
Porto	229	5.694	2,09%

Fonte: Disponível em: <<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

A tabela 6 aponta os 10 maiores pontos de partida, de acordo com o número de indivíduos. Reforçando o dado anterior, com exceção do décimo item, Porto, em território português, todos os demais são na Espanha.

Chama atenção que os trajetos mais percorridos são justamente os mais distantes: *Saint Jean Peid Port*, em território francês, e *Roncesvalles*, primeira cidade em território espanhol.

A tabela 7, apresentada a seguir, mostra o número de peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela por trajeto percorrido.

Em comparação aos dados anteriores, o trajeto com maior número de peregrinos é o Caminho Francês, que parte da cidade de *Saint Jean Pied Port*, na França e adentra o território espanhol pela cidade fronteiriça de *Roncesvalles*. O segundo trajeto mais percorrido é o Caminho Português. Nota-se que a maioria dos percursos situa-se de leste para oeste no território espanhol, com exceção do Caminho Português, que segue de sul para norte e o Caminho Inglês, de norte para sul.

Tabela 7 – Caminho percorrido – Santiago de Compostela no ano *Jacobeu* de 2010

Caminho	Número de peregrino	Percentual
Caminho Francês	189.212	69,53%
Caminho Português	34.147	12,55%
Caminho do Norte	17.954	6,60%
Via do Prata	14.197	5,22%
Caminho Primitivo	7.661	2,82%
Caminho Inglês	6.442	2,37%
Outros Caminhos	1.522	0,93%

Fonte: Disponível em: <<https://oficinadelperegrino.com/estadsticas/>>. Acesso em: 17 fev.2018.

O símbolo dos peregrinos (do latim *per ægros*, "aquele que atravessa os campos") é uma vieira (a venera) cujas origens atribuem-se aos povos que, antes do cristianismo, peregrinavam à Finisterra. A Finisterra foi considerada, durante muitos séculos, o local mais ocidental do mundo conhecido e, portanto, o fim do mundo. A figura 5 mostra uma vieira adornada com a cruz de Santiago.

Figura 5 – Vieira de Santiago



Fonte: Acervo do autor, 2018.

O Caminho de Santiago é popularmente associado, também, à Via Láctea, por supostamente indicar a direção para Santiago de Compostela à noite. Via Láctea é um dos nomes dado ao Caminho. Um dos nomes populares da galáxia na Espanha e Portugal é Caminho ou Estrada de Santiago (GOMES, 2012).

Alvarez (2006), *Conselleiro de Innovación e Industria, da Xunta de Galicia*, ao referir-se ao Caminho de Santiago aponta:

O Caminho de Santiago na Galiza é um dos nossos grandes recursos culturais e socioeconômicos. E justamente por essa transcendência, esta é uma herança com múltiplas abordagens que demandam uma atenção muito diversificada, pois diversificados são também os seus resultados, que vão desde o sentido espiritual tradicional, aos seus contrastes cultural, turístico, social e econômico.¹⁴ (ÁLVAREZ, 2006, p.5).

Abrigar e alimentar este grupo de pessoas mostra-se uma tarefa bastante peculiar. As cidades, ao longo do Caminho, têm a subsistência proveniente do Caminho de Santiago. O gasto médio por peregrino – que são milhares – por dia de trajeto, ao considerar a estada nos albergues e alimentação, está em torno de € 30,00 euros ou R\$ 126,00¹⁵.

Nesse sentido, também se destacam questões relativas à forma como se organiza o processo receptivo ao longo de 800 km. A importância dos “hospitaleiros” ou “albergueiros”, instituições religiosas, pessoas físicas e jurídicas, que recebem os peregrinos ao longo do trajeto, é crucial para o sucesso da empreitada: é abrigo, consolo, conforto, atendimento e ânimo. Mas, acima de tudo, são locais que têm ganhos no serviço de receber os peregrinos.

Contudo, há outro aspecto a ser considerado na peregrinação de Santiago de Compostela no que diz respeito à experiência do/no Caminho, a qual é individual, centrada em processos relacionais entre os peregrinos que fazem das relações e experiências, meios para a construção de seu caminho.

Duque (2005) faz uma leitura dos processos de viagens realizados, bem como do processo de percepção deste deslocamento em face das novas tecnologias:

¹⁴ *O Camiño de Santiago em Galiza é un dos nosos grandes recursos culturais e socioeconómicos. E precisamente por esta transcendencia, estamos ante un patrimonio con múltiples enfoques que reclama unha atención moi diversificada, como diversificados son tamén os seus resultados, que van desde o tradicional sentido espiritual, ata os seus contrastados rendementos culturais, turísticos, sociais e económicos.*

¹⁵ Considerando a cotação do euro em fevereiro de 2018.

[...] vivemos numa cultura em cujo cotidiano escasseia a experiência da caminhada a pé. O processo tecnológico-industrial, que animou sobretudo a Europa dos últimos séculos, conduziu a um desenvolvimento extremo da deslocação através de meios técnicos. Quase se torna realidade o famoso dom da ubiquidade, só que desta vez em virtude de uma conquista humana e não por gratuito dom celeste. (DUQUE, 2005, p.233-234).

Neste capítulo, buscamos apresentar o Caminho de Santiago no tocante à sua história e organização, a partir dos números relacionados ao processo de peregrinação, a fim de entender como é organizado.

No capítulo que segue, procuraremos fazer o mesmo raciocínio para conhecer o Caminho do Sol, de São Paulo. O mesmo, busca na experiência espanhola, referência de constituição e operação.

4 O CAMINHO DO SOL: A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DO TRAJETO DE LONGO PERCURSO

Percursos inspirados no itinerário cultural de Santiago de Compostela multiplicam-se no Brasil, entre os quais destacam-se: Caminho Gaúcho de Santiago (RS), Caminho das Missões (RS), Caminho da Fé (SP/MG), Caminho dos Anjos (MG), Caminho do Sol. (SP). Outros aproveitam a experiência/modelo para traçar itinerários inspirados na literatura: Caminho de Cora Coralina (GO).

Estes “novos trajetos” buscam um modelo para implantação, com maior ou menor semelhança em relação à ideia original de cada um. O Caminho do Sol não é diferente. Seu fundador, José Palma, é peregrino de Santiago e a ideia, ao retornar ao país, após percorrer o itinerário cultural do Caminho de Santiago, em 1996, foi propor um percurso que pudesse oferecer, no Brasil, experiências semelhantes às vivenciadas na Espanha.

Cabe destacar que os caminhos não são importantes apenas para aqueles que os percorrem. Trazem com eles a necessidade de oferta de serviços durante o percurso, pois os peregrinos têm demandas de alimentação, higiene e, até mesmo, de orientação que precisam estar disponíveis. A mesma estrutura necessária aos que percorrem o Caminho de Santiago também mostra-se importante no Caminho do Sol, quiçá a qualquer outro percurso que se coloque em posição semelhante.

Estudar a experiência do Caminho do Sol justifica-se pela expectativa em conhecer este tipo de organização tida como modelo para outras tantas, a fim de entender como estas pessoas organizaram-se para colocar em prática a ideia e como se valida “Santiago de Compostela” em outro lugar que não a Espanha.

O Caminho do Sol é um trajeto em processo de consolidação, pedonal ou ciclístico, caracterizado pela execução de um percurso de 241 km entre Santana da Parnaíba e Águas de São Pedro, no Estado de São Paulo. Passa pelas localidades de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Fazenda Cana Verde, Salto, Elias Fausto, Capivari, Mombuca, Arapongas, Monte Branco, Artemis e, por fim, Águas de São Pedro.

Mesmo com a recente criação (aproximadamente 16 anos), o Caminho do Sol já foi citado em trabalhos acadêmicos¹⁶, quando se mencionam questões que envolvem o turismo e os roteiros religiosos.

Os caminhos percorridos por essas rotas de peregrinação tanto podem ser uma invenção recente (ex.: Caminho do Sol) como antigos polos turísticos e/ou religiosos (ex.: Caminho das Missões e Caminho da Fé, respectivamente) que foram ressignificados por meio da incorporação do ideário Nova Era e da mediação de novos agentes, seja a do mercado turístico (agências de viagem, promotores de turismo e outros), ou pela ação do Estado. (DIAS, 2003, p.107).

A “ressignificação”, apontada por Dias, foi também apresentada por Cuter e Baptestone (2015), a partir da seguinte colocação:

O Caminho do Sol também é considerado um **roteiro religioso** que começa no centro histórico de Santana de Parnaíba, o peregrino recebe da Secretaria de Cultura e Turismo um documento chamado “Passaporte do Sol” (Mapa do percurso). **Considerado a versão paulista do Caminho de Santiago de Compostela**, envolve 12 cidades do interior de São Paulo, percorrendo 240 km, cruzando trilhas e trajetos rurais entre Santana de Parnaíba e Águas de São Pedro, o final da peregrinação se dá junto à imagem de São Tiago. (CUTER; BAPTESTONE, 2015, p.109) – **grifo nosso.**

O enquadramento de roteiro religioso fora caracterizado por Dias (2003), ao classificar atributos deste percurso, a partir de algumas definições e características:

Classifica esses atributos em seis diferentes tipos: 1. Santuários de peregrinação: locais de valor espiritual, com datas devocionais especiais. Aparecida do Norte; 2. Espaços religiosos de grande significado histórico-cultural: podem ser considerados atrações turístico-religiosas. Igrejas nas cidades históricas de Minas Gerais; 3. Encontros e celebrações de caráter religioso: têm como objetivo atividades confessionais. Encontro de carismáticos da Igreja Católica; 4. Festas e Comemorações em dias específicos: eventos dedicados a determinados símbolos de fé, calendários litúrgicos ou manifestações de devoção popular. Círio de Nazaré, Lavagem da Igreja do Bonfim; 5. Espetáculos artísticos de cunho religioso: caracterizados por encenação de eventos religiosos. Encenação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém (PE); 6. Roteiros de Fé: caminhadas de significado espiritual, pré-organizadas em um itinerário turístico-religioso. Rota Caminho da Fé, com 415 km, entre Tambaú (SP) e Aparecida (SP); e **o Caminho do Sol**, com 209 km, entre Santana do Parnaíba e São Pedro (SP).” (DIAS, 2003, p.56, grifo nosso).

¹⁶ Ver Dias (2003); Santos e Fagliari (2003), Maio (2004); Cuter e Baptestone (2010); Steil e Carneiro (2008).

Em relação ao número de caminhantes, recebe, em média, cerca de 800 pessoas ao ano, em torno de 15.000 pessoas desde a sua abertura¹⁷.

Contudo, no tocante a esta pesquisa, o apontamento mais relevante é o que relaciona, nominalmente, o Caminho do Sol ao Caminho de Santiago. Esta será a linha mestra de investigação desta pesquisa.

Dias (2003) descreve as referências a Santiago de Compostela, no momento de abertura do Caminho do Sol. Reforça a ideia de que, para que haja um novo “Caminho”, deve haver referência à tradição (neste caso representada pela imagem do Santo):

Por exemplo, no Caminho do Sol foi trazida uma imagem de Santiago, da Espanha, que foi “entronizada” no horto florestal da cidade, local final da peregrinação, doado por um dos hospitaleiros [...] poderíamos dizer que se objetivava construir a ideia da chegada a um lócus sagrado, como seria o caso da peregrinação a Santiago, cujo objetivo é chegar na catedral de Santiago de Compostela. (DIAS, 2003, p.115).

Explorar essas relações entre tradição, memória e itinerários são o eixo central deste trabalho. Para tanto, pretende-se compreender a relação entre a tradição inventada e a memória enquadrada na constituição do Caminho do Sol, tendo como referência o Caminho de Santiago (Espanha).

Santos e Fagliari (2003), reforçam a ideia de Dias (2003) e destacam que, no caso do Caminho do Sol, a interferência humana foi premeditada, posto que a Casa de Santiago foi implantada em função da criação do caminho. Na visão de Steil e Carneiro (2008), o Caminho do Sol conecta-se a outras experiências que querem resgatar valores contemporâneos, tais como a ecologia ou sintonizar-se a um processo de busca interior. Ao reforçar essa ideia, Steil e Carneiro (2008) ressaltam as diferentes interpretações relacionadas à experiência proposta pelas novas peregrinações:

[...] deve ser interpretada através dos significados múltiplos a ela atribuídos, procurando compreender as formas de combinações possíveis entre os significados de um fenômeno milenar (a peregrinação) presente em diversas tradições religiosas e os novos significados que lhe são conferidos, particularmente no deslocamento da mediação das instituições religiosas para as agências turísticas, na ênfase das formas de reflexividade que condicionam processos subjetivos na contemporaneidade. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.108)

¹⁷ Dados fornecidos pela organização do Caminho do Sol.

Esta perspectiva permite, aos envolvidos no processo, um olhar “multifuncional” do percurso do Caminho do Sol, como propõe Maio (2004). “É importante observar que essa classificação não envolve apenas o sentido religioso e espiritual do viajante, mas também o conhecimento histórico, o cultural, o patrimonial, o artístico e o natural, reafirmando o caráter multifuncional.” (MAIO, 2004, p.56)

É nesse sentido, como reforça Steil e Carneiro, que o papel dos organizadores do Caminho do Sol é o de mediar esta nova forma de vivenciar a relação com o sagrado e, cabe a eles “[...] **assegurar e garantir os meios e os recursos simbólicos** para que cada um possa fazer seu próprio caminho.” (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.113, grifo nosso).

Esse olhar define o papel dos organizadores, os quais assumem a centralidade do processo, já que são “[...] os responsáveis por estruturar, organizar e propor as atividades que são oferecidas aos peregrinos.” (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.115).

Esta situação fica evidenciada ao verificarmos como se desenvolve o processo de participação no Caminho do Sol: “[...] as pessoas podem se inscrever através do site ou por telefone, onde recebem basicamente todas as informações necessárias, mas é sempre recomendado que participem de uma palestra dada pelo idealizador nos dias que antecedem a partida.”(STEIL; CARNEIRO, 2008, p.115).

Ao reproduzirem o “modelo” da peregrinação a Santiago, os novos caminhos brasileiros não só se tornam similares em muitos aspectos, como eles mesmos se tornam modelos para novos polos turísticos. O que nos leva a pensar que o caminho jacobeo (Santiago) se apresenta para os idealizadores dos novos caminhos no país como um “tipo ideal” que pode ser “transposto” e “reproduzido” em outros contextos sociais. (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.120).

Cabe destaque à ideia de um “modelo”, constituído com a peregrinação de Santiago de Compostela. Acima de tudo, parece ser este o ponto central para reflexão em relação ao Caminho do Sol e a outros trajetos que buscam, em Santiago, uma referência: a ideia de uma estrutura que funciona e pode ser replicada.

No capítulo que segue, verificaremos este “modelo” pelo olhar dos agentes do Caminho do Sol, isto é, seu idealizador e os “hospitaleiros”. O capítulo procura, com base nas questões respondidas pelos entrevistados, expor argumentos que

solucionem o problema de pesquisa que procura entender como o Caminho do Sol constitui-se como trajeto, o qual tem como referência o Itinerário Cultural Caminho de Santiago.

5 MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GERAÇÃO E GESTÃO DO ITINERÁRIO TURÍSTICO-CULTURAL

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender a relação entre a tradição inventada e a memória enquadrada na construção do Caminho do Sol (localizado no Brasil), o qual tem como referência o Caminho de Santiago (localizado na Espanha). Essa referência baseia-se nos aspectos da memória social e experiências vividas.

Para cumprir este objetivo, realizamos entrevistas com os “hospitaleiros” do Caminho do Sol. No primeiro conjunto de questões, procurou-se identificar, socioeconomicamente, os agentes responsáveis pela idealização e implantação do Caminho do Sol.

Dentre os nove respondentes, cinco são do sexo masculino e quatro, do sexo feminino. A maioria dos entrevistados, sete deles, possui ensino superior, com as mais diferentes ocupações profissionais. A renda média declarada está entre R\$ 3.691,00 a R\$ 6.150,00. 2 (dois) entrevistados preferiram não responder quanto aos seus rendimentos. De acordo com o quadro 2, apresentado a seguir, evidencia-se que os respondentes com curso superior (completo ou incompleto) têm renda declarada acima daqueles com ensino médio (completo ou incompleto).

Todos os entrevistados são do Estado de São Paulo e a maioria, composta de seis entrevistados, naturais das próprias cidades por onde passa o trajeto do Caminho do Sol.

Ao questionar-se acerca do tempo que utilizam e o local onde realizam suas atividades, como local de hospedagem do Caminho do Sol, chegou-se às seguintes respostas:

O entrevistado “B” faz parte do Caminho desde seu início. “O Caminho do Sol nasceu aqui em Parnaíba”. Contudo, não sabe precisar a data: “[...] isso faz uns 20 anos. Eu não lembro exatamente a data”.

Da mesma maneira, o entrevistado “C” faz parte desde o início do projeto. Como “B”, não sabe precisar uma data “Desde o início, desde que começou. Eu não sei exatamente se é 13 ou 14 anos, mas por aí”.

O entrevistado “D” segue na mesma linha: “Um pouco mais adiante. Porque o Caminho do Sol completou 15 anos esse ano. Eu estou recebendo o Caminho do

Sol por volta de... engraçado, eu não sei a data exata, mas uns seis ou sete anos [...] provavelmente 2011”.

Quadro 2 – Composição sócio demográfica dos entrevistados

Entrevista do	Idade	Naturalidade	Escolaridade	Profissão	Rendimento Mensal
A	68	São Paulo (SP)	Ensino Superior Incompleto	Empresário	Acima de 9.225,00
B	74	São Manuel (SP)	Ensino Superior incompleto	Hoteleiro	Acima de 9.225,00
C	68	São Paulo (SP)	Ensino Superior Completo	Hoteleiro	Acima de 9.225,00
D	62	Campina (SP)	Ensino Superior Completo	Fonoaudióloga	De 3.691,00 a 6.150,00
E	43	Campinas (SP)	Pós-graduação Completo	Empresário	Não informado
F	70	Capivari (SP)	Pós-graduação Completo	Gestora da Fazenda	Acima de 9.225,00
G	54	São Paulo (SP)	Ensino médio Completo	Projetista Industrial	Não informado
H	45	São Paulo (SP)	Ensino médio Completo	Dona de casa	De 1.231,00 a 2.460,00
I	35	Piracicaba (SP)	Pós-graduação Completo	Gestora de negócios internacionais	De 3.691,00 a 6.150,00

Fonte: Produzido pelo autor, 2018.

O entrevistado “E”, por sua vez, aponta que: “a pousada de Elias Fausto foi a primeira a se credenciar para trabalhar com o caminho, então tem a idade do caminho”. Amplia a informação dada pelos demais ao ressaltar que não recorda exatamente a data, pois: “minha mãe começou com o Caminho do Sol, entendeu? Então, o que a gente precisa saber é quanto tempo tem o Caminho. São 10 anos, 11 anos?”

Questionada, a entrevistada “F” aponta de forma incisiva: “Desde a primeira caminhada. Julho de 2002”.

Quanto ao entrevistado “G”, cabe um rápido esclarecimento. Diferente dos demais entrevistados, atua de forma voluntária em locais abertos, exclusivamente, para atender o caminho. Isto é, nas localidades de Mombuca e Arapongas foram constituídas albergagens específicas para atuar como hospedagem dos caminhantes. “G” atua voluntariamente em ambas as localidades, as quais são cidades consecutivas no mapa do caminho. Sua atuação, como voluntário, ocorre desde 2007. No entanto, não conseguiu apontar desde que momento os locais específicos (Mombuca e Arapongas), neste formato, atendem o Caminho do Sol.

O entrevistado “H” aponta com precisão: “Monte Branco, Piracicaba, um bairro rural, e nós fazemos parte do Caminho há 15 anos [...] Só não atendi a primeira turma que passou, mas de resto, todos eu atendi.”

Por fim, o entrevistado “I” aponta que atua “desde o primeiro caminho”. Convidada a explicitar a data, descreve que “eu acho que foi a partir de 2000. Foi em 2000 que começou? Olha, eu nem lembro exatamente a data, mas desde o primeiro a gente participa e recebe o pessoal. Que era mais o meu pai - já falecido - quem acompanhava”.

O entrevistado “A”, idealizador do Caminho do Sol, comenta que a ideia do Caminho do Sol surgiu após a sua peregrinação à Santiago de Compostela, no ano de 1996. Relembra que o impacto da experiência foi muito forte e que “[...], de 1996 a 2001, eu fiquei imaginando o que eu poderia fazer.” Reforça que, em 2001, em um encontro internacional de peregrinos na cidade de Salvador (BA)¹⁸, foi encorajado pelos participantes, inclusive por hospitaleiros espanhóis do Caminho de Santiago, a montar um trajeto no Brasil:

¹⁸ Promovido pela Associação Bahiana de Amigos do Caminho de Santiago.

Dia primeiro de dezembro de 2001 eu recebi os hospiteiros do Caminho de Santiago, que estavam aqui no Brasil, mais uma série de peregrinos de Fortaleza e fizemos então o lançamento da pedra fundamental da casa de Santiago. E sete meses depois em cheguei em São Pedro com a imagem de Santiago, que eu fui buscar na Espanha, e inaugurando o Caminho do Sol. (ENTREVISTADO A).

A data de inauguração é, coincidentemente, importante, por dois motivos: 25 de julho é o dia dedicado ao apóstolo Tiago (Santiago) e de fundação da cidade de Águas de São Pedro (25 de julho de 1940), ponto final do trajeto.

Em pergunta complementar a anterior, questionaram-se os entrevistados em relação à residência deles ter-se tornado local para recepção de peregrinos, em data anterior ou posterior à abertura do Caminho do Sol.

Os entrevistados “B”, “C”, “D” e “E” respondem que seus estabelecimentos são anteriores a existência do Caminho. “C” complementa: “[...] minha pousada é bem mais antiga. A minha pousada vem de pai para filho, ela já tem mais de 100 anos [...] Era do meu avô, depois ficou para os meus pais, depois ficou arrendada por 15 anos e depois voltou pra família, comigo”.

Questionado sobre a antiguidade de seu estabelecimento “C” aponta para a tradição de romarias para Apardecida (SP) e Pirapora do Bom Jesus (SP):

Meu avô, quando veio do Líbano [...] ele montou uma pousada aqui, primeiro uma padaria e depois um hotelzinho pequeno, e Pirapora aqui não existia Castelo Branco, era rota de Aparecida do Norte. Aqui, o segundo santuário do Brasil, o pessoal que vinha do centro-oeste, Mato Grosso, enfim, vinha pela Marechal Rondon e passava por aqui, depois pegava o viaduto e ia pra Aparecida. (ENTREVISTADO C).

Ao mesmo tempo, este hospedeiro ressentia-se pela queda do movimento devido à poluição do Rio Tietê: “[...] a pousada teve a época do rio limpo, Tietê, depois a época do rio sujo. Na época do rio limpo, tinham 30 barcos de passeio aqui, então era outra vida a cidade”.

Neste sentido “C” complementa a importância do Caminho do Sol para o seu negócio: “Hoje é mais fraco aqui então, para mim, o Caminho do Sol é importante”.

Reforçando esta ideia, o entrevistado “A” reforça o caráter empresarial da proposta do Caminho do Sol:

[...] o Caminho do Sol é uma empresa. Por quê? Porque eu recebo o dinheiro das inscrições para manter o caminho, eu tenho que ter funcionários registrados, enfim. É uma coisa normal. Mesmo não sendo uma coisa que vise lucro, mas existe uma atração comercial. A empresa é simples, muito mais fácil de você administrar entrada e saída. (ENTREVISTADO A).

O entrevistado “E” descreve o seu local:

[...] vou falar da pousada de Elias Fausto, ela não surgiu por causa do Caminho do Sol. É uma pousada comercial, obviamente, ela atende diversos tipos de grupos, tanto do Caminho do Sol, turismo empresarial e assim por diante. Então nosso foco não é restrito ao Caminho do Sol. Ela já existia com o hábito de acolher as pessoas que estão prestando serviço aqui na região. (ENTREVISTADO E).

Em oposição aos anteriores, os entrevistados “F”, “G”, “H” e “I” registram que passaram a existir como local de recepção, após a formalização do Caminho do Sol. Ao contrário do primeiro, são exclusivos ao atendimento dos caminhantes do Sol. “F” ressalta que os imóveis da fazenda “foram adaptados para receber os caminhantes”, e deu destaque à “Casa 18¹⁹”:

[...] essa é a casa principal quando recebemos os grupos normais, menores de caminhantes. Temos um alojamento para 22 pessoas, mas a casa 18 comporta dez. Ela é uma ex-casa de colonos, quando tínhamos um volume enorme de empregados, porque era tudo feito por nós e não por terceiros como hoje, então essa casa foi totalmente adaptada para receber os peregrinos. (ENTREVISTADO F).

O entrevistado “G”, como dito anteriormente, comenta que os locais foram construídos para atender o caminho. O entrevistado “H” ressalta que o seu estabelecimento “passou a existir depois do Caminho do Sol, porque o local [...] foi criado pelo Caminho do Sol”.

O entrevistado “A” destaca este ponto. Comenta que, inicialmente, conseguira o salão paroquial da comunidade para receber os caminhantes. Contudo, este arranjo funcionou só uma vez:

Então o (entrevistado H), que acho que você já entrevistou e deve ter te contado a história, no dia da segunda caminhada o pessoal chegou lá e a comunidade não quis receber. Aí eles me ligaram, eu liguei na prefeitura, correu uma série de colchões emprestados lá da Secretaria de Esportes,

¹⁹ A “Casa 18” é como conhecida a casa onde ficam os peregrinos na propriedade da Fazenda Milhã. O número corresponde a sequência de construções dentro do espaço da fazenda. A casa é a décima oitava edificação.

acomodei tudo na casa de (entrevistado H) a partir daquele momento começou a nos receber e foi indo. A prefeitura de Piracicaba também nos cedendo uma escola rural, assim como é em Arapongas, e Jesus acabou reformando, mora lá e recebe os peregrinos. (ENTREVISTADO A).

O entrevistado I aponta que “[...] passou a receber pessoas, especificamente, os caminhantes, depois da abertura do caminho.”

[...] não recebíamos nada, tínhamos o local que é uma área de lazer da família e que usávamos para festas, finais de semana, amigos, mas não recebíamos ninguém de fora, nada desse tipo, albergues ou pousadas. Começamos realmente depois do Caminho do Sol. (ENTREVISTADO I).

O entrevistado “A” conclui: “[...] portanto, das 11 pousadas, só existia Santana do Parnaíba, Pirapora, Cabreúva e Elias Fausto. As outras seis foram criadas”.

A seguir, as questões procuraram descobrir como os agentes do Caminho do Sol, no caso específico os “hospitaleiros”, explicam a idealização do Caminho do Sol.

Primeiramente, perguntou-se se conheciam outros trajetos de caminhadas. Neste ponto, foram unânimes em comentar suas experiências. Muitos já haviam percorrido algum trajeto. Além disso, destaca-se, também, a realização de romarias, especialmente aquelas cujo destino era Aparecida e Pirapora do Bom Jesus.

O entrevistado “B” destacou que, devido à mobilidade limitada, não realizou caminhos a pé, mas já percorreu o próprio Caminho do Sol e o Caminho Português de Santiago, de carro.

“C” aponta que os conhece, mas nunca percorreu nenhum. Destaca alguns trajetos: “[...] conheço o Caminho da Fé, Caminho das Missões do Sul, conheço Caminho do Ouro, conheço Compostela, enfim, conheço.”

O entrevistado “E” aponta que, em 2000, percorreu o Caminho de Santiago de bicicleta. O entrevistado “F” conhece e percorreu alguns caminhos:

Trecho de alguns outros caminhos, trechinhos de Santiago, da trilha Inca, fiz algumas trilhas nos Estados Unidos, no Park Yellowstone e tem outros parques dos Estados Unidos que eu já fiz algumas trilhas. E alguns trechos do Caminho do Sol também. (ENTREVISTADO F).

De todos os entrevistados, “G” é o mais experiente em caminhadas. Já percorreu um grande número de trajetos.

Se eu já percorri algum trajeto do Caminho do Sol? Sim já. Eu tenho vários. Todos os anos. Vou ver se consigo me lembrar. Tá. Vamos anotando? Então assim: Caminho da Paz, na Bahia; Caminho da Luz, Minas Gerais; Caminho da Fé, Minas Gerais/São Paulo; Caminho do encontro, São Paulo; Caminho dos Anjos, Minas Gerais. Caminho do Sol, São Paulo. Caminho das Missões, Rio Grande do Sul. Caminho Circuito do vale europeu, Santa Catarina. Caminho dos Jesuítas, São Paulo. Estrada Real, em Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. Acho que só isso [...] e várias trilhas. (ENTREVISTADO G).

A entrevistada “I” destaca:

Eu já ouvi falar, nunca participei e nunca fiz, eu tenho muita vontade de fazer, mas eu nunca fiz. Mas eu já ouvi falar de Santiago, do Caminho da Fé e de vários outros caminhos. E o Caminho do Sol eu tenho muita vontade de fazer todo, eu não fiz ainda por falta de tempo. (ENTREVISTADO I).

Seu relato reitera a tradição das romarias.

[...] conheci também o de Romarias, meu pai fez esse caminho inverso do Caminho do Sol, daqui de Piracicaba até Pirapora. E então sempre acompanhávamos desde criança, ele foi duas vezes ao Caminho a pé. Desde que eu me conheço por gente eu continuo fazendo, mas agora de carro, mas na época da semana santa que o pessoal costuma fazer que é um caminho católico que o pessoal faz. Então continuamos fazendo, mas agora de carro acompanhando, levamos o leite quente, pão para o pessoal que está caminhando e vamos dando um apoio. (ENTREVISTADO I).

As romarias também aparecem na fala de “C”:

Você pega uma rota aonde existe o oposto, existe o pessoal que vem de Piracicaba para Pirapora, talvez ele tenha se baseado nisso. Na semana santa, por exemplo, foi muita gente a pé de Piracicaba pra cá, não de Araçatuba, mas de Piracicaba pra cá, é uma tradição. São os cumpridores de promessa. Vem trazendo cruz, todo ano é igual, vêm de 150, 200 cruces, aonde cada cruz é carregada por 10, 12 pessoas, enfim, muito peregrino cumpridor de promessa. (ENTREVISTADO C).

Os albergueiros foram questionados em relação ao fato de outras experiências de caminhada terem servido de base ou não para montar a proposta do Caminho do Sol. E, se positivo, o que destacariam como elementos em comum entre elas.

Na primeira parte da questão, houve uma posição bem definida sobre as origens do Caminho do Sol: Santiago de Compostela é o modelo fundador. No entanto, na segunda parte da questão, surgiram diferentes linhas de raciocínio, com respostas diversas.

O entrevistado “B” é categórico: “[...] quem montou o Caminho fez o Caminho de Santiago, que foi o modelo para ele criar esse caminho”. Do mesmo modo o entrevistado “H”: “Caminho do Sol é assim, que ele foi criado para fazer uma **réplica do Caminho de Santiago**” (grifo nosso).

“C” corrobora a informação: “Sim, foi baseado em Compostela que o Palma montou o Caminho do Sol. A ideia surgiu depois de Compostela” e, questionado sobre semelhanças, traz dados sobre o modelo de hospedagem:

[...] desde a convivência com os hospitaleiros lá. E ele fez uma pesquisa de rota que foi complicado de fazer, porque ele quis se basear, ele quis que o Caminho do Sol, e é, uma réplica pequena de Compostela, seria um preparo para Compostela e outras caminhadas. Então o Palma foi fundo nisso, ele pesquisou, conviveu com os hospitaleiros, até trouxe um hospitaleiro para cá, depois de montado o caminho, eles fizeram o Caminho do Sol, pra ter um contato como se fosse um filho de Compostela. (ENTREVISTADO C).

O entrevistado “D” ratifica a opinião dos anteriores e destaca: “[...] é importante dizer que assim, o idealizador realmente foi o (Entrevistado “A”). Trouxe o projeto pronto quando ele me procurou para ser a hospedeira e hospedar os peregrinos do Caminho do Sol”. Na sequência, aponta sua percepção sobre qual é o objetivo do caminho em si: “[...] para terem a oportunidade de vivenciar um pouco do que se vive naquele caminho longo e extenso”. Fala semelhante tem “I”: “O Palma se baseou mais em Santiago e nas outras experiências que ele já tinha e ele foi idealizador e ele falou a proposta para nós, mostrou a proposta, e tudo o mais [...]”.

“D” acredita que a experiência trazida de Santiago é, acima de tudo, espiritual. Um estado de espírito.

“E” reforça a inspiração de Santiago e aponta que:

Ele (entrevistado “A”) se inspirou no caminho de Santiago da Compostela quando lá ele (entrevistado A²⁰) ganhou uma **escultura de Santiago**, ele trouxe para cá, então ele é o idealizador e eu vejo que sim, foi feito aos moldes do caminho de Santiago. (ENTREVISTADO E, grifo nosso).

O entrevistado “F” confirma a proximidade das propostas e traz uma informação relevante sobre a diferença dos modelos: “Só que aqui ao invés de se

²⁰ O entrevistado “A” relembra que o presente (a imagem de Santiago em pedra), foi presente do hospitaleiro espanhol Jesus Rato.

terem coisas municipais, eram coisas particulares, propriedades particulares que se propuseram a receber os peregrinos do Caminho do Sol.”

Complementa o que expôs, ainda, ao descrever o papel do hospitaleiro do Caminho do Sol e a influência da experiência de Santiago neste formato:

A ideia é que o hospitaleiro seria uma pessoa que iria fraternalmente receber as pessoas, que **haveria um tipo de habitação bastante simples em beliches, semelhante como é em Santiago**, e a diferença é que **aqui quando se está na área rural, a pessoa, o hospitaleiro teria que fornecer a comida, além de hospedagem, para os peregrinos, porque eles não têm um outro lugar para comer aqui do lado, diferente de Santiago que fica em cidadezinhas**. Mas a ideia do sentimento, da maneira de receber, dos abraços, das festas vieram todas do caminho de Santiago. (ENTREVISTADO F, grifo nosso).

“A” complementa esta ideia, ao reforçar a ideia do que mais aproxima ambas as experiências de caminhada: Caminho de Santiago e do Sol:

No Caminho do Sol eu procurei exatamente isso para manter a simplicidade, os ambientes coletivos. Exatamente o que a riqueza do Caminho de Santiago está na convivência com as pessoas, está no compartilhar, [...] lá, lavando a minha roupa, aqui a gente lava a roupa, lá eu dormia em beliche, aqui a gente dorme em beliche. Lá, não tinha quarto privado, era coletivo, aqui também é coletivo. Os banheiros lá eram coletivos, aqui também são coletivos. **Então assim tudo que eu vi no Caminho de Santiago, eu procurei retratar aqui.** (ENTREVISTADO A, grifo nosso).

O entrevistado “G” resgata a estátua trazida da Espanha: “A imagem, verdadeira, do final do caminho que veio de Santiago, doada por um hospitaleiro de Santiago”, como já apontado pelo entrevistado “E”. Todavia, seu foco é o Caminho do Sol como trajeto de preparação para Santiago:

Olha [...] o que nós temos a altimetria, muito similar. Alguns albergues lembrariam Santiago [...] um caminho onde que a gente pudesse se prepara para ida à Santiago. Então a ideia dele seria um montar algo que as pessoas pudessem aproveitar estão aqui em seu próprio país e se preparando. Treinando para ir para Santiago. (ENTREVISTADO E).

O entrevistado “A” aponta esta similaridade geográfica em sua fala:

[...] da minha casa eu olhava toda a Serra de São Pedro. E a impressão que eu estava é que eu estava na Galícia: verde, a topografia [...]. E eu falei: “[...] puxa, vou fazer um caminho aqui em Águas de São Pedro. (ENTREVISTADO A).

Também buscou-se perceber o olhar do hospedeiro em relação ao evento, seu entendimento sobre o perfil de quem percorre o trajeto do Sol.

A característica recorrente nas entrevistas vai além de gênero ou idade. Na visão do hospiteiro, o caminhante do Caminho do Sol está em busca de respostas, superação, iluminação.

O Entrevistado “B” aponta que o perfil é bastante “ecclético”:

Vai desde empresários até jovens, estudantes, crianças [...] têm muitas famílias, empresários e esportistas [...]” e frisa: “[...] pessoas com restrições de locomoção e teve até uma turma de pessoas com prótese nas pernas que fizeram o Caminho. Cegos já fizeram o caminho [...]. (ENTREVISTADO B).

Este perfil eclético é reforçado pela fala de “E”: “Todo tipo de gente. Não dá para especificar. Desde pessoas aposentadas, empresários, advogados, médicos, desempregados, todo tipo de gente faz o caminho.” E também por “H”: “Pessoas de vários tipos. Então, não dá para se definir muito, mas, são várias pessoas e vemos também que são pessoas de bem”. E pontua:

[...] são sempre pessoas de muita boa educação, pessoas que sabem o que estão fazendo e falando, eu nunca tive experiências desagradáveis com caminhantes, e então para mim esses caminhos que passam de caminhantes são sempre coisas muito boas. (ENTREVISTADO H).

O entrevistado “C” destaca a proximidade da natureza como fator relevante.

Olhe, são pessoas ligadas a contato com a natureza. Eu não vejo no Caminho do Sol os caminhantes, ou não vejo, não é por fé, é cara que gosta de caminhar e gosta de ter contato com a natureza. Enfim, gosta de fazer um desafio, é um desafio na realidade, é uma aventura. (ENTREVISTADO C).

Esta aproximação com a natureza e o gosto pela caminhada aproxima-se da proposta já apontada por Toniol (2012) e Steil e Carneiro (2008), e completa, ao ressaltar que “[...] o pessoal todo em romaria é parecido com o Caminho do Sol. Só que o foco é outro. As romarias vêm para cá com foco religioso”. O entrevistado “D” destaca o aspecto de uma “busca espiritual” como a principal característica.

[...] eu acho que tem de tudo, tem aventureiros que talvez não estejam tão ligados nessa coisa mais profunda e tem pessoas que estão em fase de crise na vida, em qualquer instância, e que pretendem ficar um pouco a sós para pensar. (ENTREVISTADO D).

E reforça:

[...] têm pessoas que já trabalham interiormente e que querem se aprofundar um pouco mais e experimentar, ir mais fundo nas suas questões. Então eu acho que se tem de tudo, eu já conversei com pessoas e vi de tudo, desde a atenção física, até a questão mais profunda, emocional e de alto conhecimento. (ENTREVISTADO D).

Segue na mesma linha o entrevistado "I":

[...] a pessoa que percorre o Caminho do Sol hoje é quem eu imagino que sejam pessoas que queiram se encontrar, que queiram se conhecer melhor [...] E temos uma oportunidade muito grande de se conhecer melhor nesse momento em que estamos fazendo o caminho. De caminhar, de pensar na tua vida, de experimentar o mundo com pouco, com muito menos do que se tem no dia a dia. (ENTREVISTADO I).

Reforça esta visão, o entrevistado "F" ao destacar: "São pessoas que, em geral, estão buscando alguma coisa, buscando se auto conhecer. [...] o peregrino que vem caminhando ele sempre está buscando alguma coisa". Neste sentido, aponta que há momentos diferentes ao longo do trajeto.

Aqui quando ele chega está no meio do caminho e então ele já não está se questionando, "por que eu estou fazendo isso?", bolhas, sol, chuva, todo esse desconforto, dormir em quarto junto, lavar a minha roupa, porque para algumas pessoas esse é um negócio inédito. [...] é um despojar, uma maneira de trabalhar tão simples e se encontrar com o ser humano. (ENTREVISTADO F).

O entrevistado "G" faz afirmação semelhante:

E o que trazem a maioria das pessoas para cá é algo na vida para ser resolvida. Principalmente após uns 40 assim 30 anos para conseguir obter muitas coisas, entender um pouco mais junto a Deus. Uma experiência melhor de si próprio. (ENTREVISTADO G).

No entanto, também foca no perfil do caminhante. Em especial, a característica do indivíduo que conclui o trajeto:

Olha isso é no geral. Desde mulher, homem, jovem. O que eu percebo mais no Caminho do Sol é que as mulheres são as que mais percorrem. Tá. Homem também. Mas entre eles, todos acima dos 40 anos. Tem abaixo dos 40 anos também. Tá mas, se você pode bater o martelo e determinar que das mulheres que saem 95% terminam o caminho tá. E dos homens, vamos colocar, 80% terminariam o caminho. As mulheres são mais determinadas que os homens. (ENTREVISTADO G).

“A” reitera a informação: “De um modo geral, acho que o peregrino como todo ser humano tem a crise dos 40. Eu acho que é dos 40 para frente que as pessoas se questionam, que as pessoas querem retomar a vida”. E complementa o depoimento dado ao dizer que a prática de caminhada “É uma maneira de você viajar, de você ter experiência a um custo muito mais barato [...] é uma maneira que você tem de viajar, de experimentar outras culturas, outra gastronomia.”

Também perguntou-se aos entrevistados se podiam informar a quantidade de pessoas que passaram por seu estabelecimento. A grande maioria teve dificuldade em atribuir um número. Comentaram, na maioria das vezes, que os responsáveis pela organização são os mais indicados para contribuírem com essa informação. No caso, o entrevistado “A” foi quem teve a resposta mais completa.

A próxima questão teve por objetivo entender se, na visão do hospedeiro, o caminhante que percorre o Caminho do Sol percebe, durante o percurso, na organização dele, a influência de características similares a de outros caminhos como, por exemplo, do Caminho de Santiago.

Os entrevistados são unânimes ao dizer que é perceptível a influência das características presentes no outro. Entretanto, “B”, destaca: “O Caminho do Sol é uma somatória de informações [...] que acrescentam, a esse caminho, ideias ou experiências que tiveram de outros caminhos”.

“C” aponta que a ideia de Santiago aparece nos momentos de conversa e dos grupos: “Eles estão fazendo o caminho no sonho e nos bate-papos [...] eles estão num ambiente que lembra Compostela”.

O entrevistado “G” comenta que “[...] em ambos os trajetos os caminhantes têm o propósito de algo no caminho. Encontrar algo, uma resposta para vida.” A entrevistada “H” destaca que: “[...] especialmente quem já fez a caminhada de

Santiago de Compostela tem esta percepção, em particular: que lá também se acham hospedeiros”.

Já o entrevistado “A” aponta que a relação entre os dois pode ser percebida de duas formas diferentes. Primeiro para o grupo que não conhece Santiago:

O peregrino que caminha pela primeira vez. Então qual é a minha missão? Dizer para esse peregrino o seguinte: “olha, existe o Caminho de Santiago”, porque também vem muitas pessoas que ou não conhecem ou só ouviram falar nem sabem o que é e querem informações. (ENTREVISTADO A).

E complementa “[...] assim: o Caminho do Sol é uma maneira de fomentar e divulgar o Caminho de Santiago [...]”.

O idealizador ressalta que os caminhantes, que já percorreram o caminho de Santiago, comentam que “lá não tem essa mordomia toda”. Cabe ressaltar que, na forma em que se concebeu a proposta, há muitas semelhanças:

[...] a rotina é a mesma. A mochila, o cajado, as bolhas, o estresse muscular, a ansiedade de chegar, a rotina das pousadas, lavar a roupa, carimbo, conviver com os outros peregrinos, tudo isso, a perda da privacidade, é tudo igual. (ENTREVISTADO A).

Além disso, destaca a diferença entre os dois caminhos: “[...] a única diferença é que você não vai ter dia certo para sair lá, como tem no Caminho do Sol”.

O grupo final de perguntas busca compreender como ocorre o processo de gestão entre os idealizadores do Caminho do Sol. Questionados sobre como eles, hospedeiros, organizam-se para fazer a gestão do caminho, se há manuais, regras preestabelecidas, se acontecem reuniões ou outra forma de organização do grupo, disseram que não há uma sistemática de reuniões periódicas – as quais ficaram mais raras, ao longo do tempo – ou algum tipo de sistema de gerenciamento da atividade. Há, no entanto, o contato constante da organização do caminho. Como exemplifica “F”:

A gente no começo tinha mais reuniões para organizar, e quanto a coisa ainda estava começando (...) de vez em quando nos encontramos em alguns encontros, mas, pelos meios de comunicação eletrônicos que mantemos contato. (ENTREVISTADO F).

Esse ponto é confirmado pela fala de “A”: “Bom, aí entra uma deficiência minha, uma sobrecarga. No início eu me reuni com todos eles, falei o propósito [...] no início eu fazia reuniões periódicas”.

Porém, do mesmo modo, os entrevistados destacam a importância da relação entre um o gestor de um albergue e o do próximo. Parece ser esta a forma mais efetiva de troca de informação.

O entrevistado “B” sintetiza o modelo:

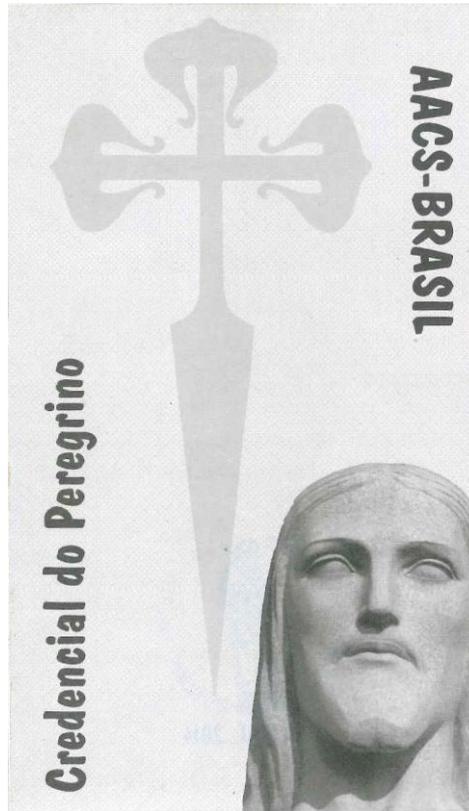
Existem reuniões, [...] mas a gente já tem a receita do que tem que ser feito, então cada hospiteiro no caso, tem muito contato com um dos vizinhos. E quando tem alguma queixa, alguma coisa acontece, ele comunica a gente. Existe uma relação entre Palma e o hospedeiro. (ENTREVISTADO B).

Os entrevistados “E” e “G” destacam o manual que acompanha os peregrinos. Em suma, uma cartilha que o caminhante porta, na qual consta o mapa do trajeto, dividido pelos dias a serem percorridos no Caminho do Sol. “G” destaca a limitação deste material:

[...] aquele negócio do caderninho que é utilizado manualzinho lá ele tem muito problema aquilo lá. Você faz uma edição, daqui um pouco tem uma alteração no caminho, automaticamente você não vai reimprimir uma nova edição. Você espera acabar aquela para imprimir uma próxima. (ENTREVISTADO G).

Outro material que acompanha o caminhante é a “credencial do peregrino”. Semelhante ao que acontece no Caminho de Santiago, o peregrino porta um documento em papel, uma folha com dobraduras e, nele, registra o progresso por meio de carimbos (*sellos*), disponibilizados em cada lugar de parada. As figuras que seguem (figuras 6 e 7 – capa e interno) são de uma credencial do Caminho de Santiago, emitida no Brasil.

Figura 6 – Capa da credencial emitida pela ACCS



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 7 – Interna da credencial emitida pela ACCS

Caminho de Santiago
Credencial Expedida pela Associação Brasileira dos Amigos do Caminho de Santiago.

Data: 15/04/2014

Nome: _____

Endereço: _____

Passaporte: _____

Começa a peregrinação a Santiago de Compostela na cidade de Saint Jean Pied de Port

A pé: De Bicicleta: _____ A Cavalos: _____

A passagem por cada cidade deverá ser comprovada por carimpos nas páginas ao lado.

Completo a Peregrinação (selo da Igreja):

Santiago, _____ de _____ de 20 _____

Comprovante do Percorso

15-4-14

15.4.2014

16 ABR 2014

30 ABR 2014

01 MAY 2014

Fonte: Acervo do autor, 2018.

As figuras abaixo (figura 8, 9 e 10 – capa e interno) são de credenciais para o Caminho de Santiago, emitidas na Espanha, na cidade de Sarria.

Figura 8 – Capa da credencial emitida pelo Covento de La Merced – Sarria



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 9 – Parte interna da credencial emitida pelo Covento de La Merced – Sarria

"Dios ayuda y Santiago Intercede" D.A.Y.S.I.

Camino de Santiago
Credencial que expide:

Nombre del peregrino: _____
D.N.I. / Pasaporte: _____
Dirección: _____
Lugar de inicio de la peregrinación: Sarria

a pie en bicicleta a caballo

Cumplió la peregrinación
Sello:

Santiago, a _____ de _____ de 20____

IMPORTANTE antes de comenzar el Camino de Santiago

- Esta credencial es sólo para los peregrinos a pie, bicicleta o a caballo, que desean hacer la peregrinación con sentido cristiano, aunque sólo sea en actitud de búsqueda. La credencial tiene el objetivo de identificar al peregrino; por eso la Institución que le presenta deberá ser una Parroquia, Cofradía, Asociación de Amigos del Camino de Santiago, etc. La credencial no genera derechos al peregrino pero tiene dos finalidades prácticas:
 - El acceso a los albergues que ofrece la hospitalidad cristiana del camino.
 - Para solicitar la "Compostela" en la Catedral de Santiago, que es la certificación de haber cumplido la peregrinación.
- La "Compostela" se concede sólo a quien hace la peregrinación con sentido cristiano: *devotionis affectu, voti vel pietatis causa*, y sólo a los que llegan hasta la Tumba del Apóstol, habiendo recorrido al menos los 100 últimos kilómetros a pie o a caballo, o 200 Km en bicicleta.
- La credencial del peregrino, por tanto, sólo puede expedirla la Iglesia a través de sus instituciones propias (Obispado, Parroquia, Cofradía, etc) o autorizadas (Federación de Asociaciones, Asociación de Amigos del Camino de Santiago, etc). Sólo así podrá concederse la "Compostela" en la S.A.M.I. Catedral de Santiago (Jornadas sobre el Año Santo: noviembre 1993).
- Los refugios carecen de subvenciones y deberían mantenerse, dentro de su austeridad, con la colaboración de los peregrinos (limpieza, cuidado de las instalaciones, facilitar el descanso, ayuda económica...).
- Los grupos organizados con coche de apoyo o en bicicleta, se ruega que busquen cobijo alternativo distinto de los refugios de peregrinos.
- El portador de la presente credencial, acepta estas condiciones.

Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 10 – Interno da credencial emitida pelo *Covento de La Merced – Sarria*



Fonte: Acervo do autor, 2018.

No caso espanhol, é este documento, ilustrado na figura 9, que deve ser apresentado na Oficina do Peregrino, da Catedral de Santiago de Compostela, o qual dá direito à emissão da Compostelana, ou Compostela²¹, documento comprobatório da peregrinação.

²¹ A Compostela é um documento, outorgado pelas autoridades eclesiásticas, que certifica ter completado pelo menos 100 quilômetros a pé ou a cavalo (200 de bicicleta) do Caminho de Santiago. É emitida em Compostela a todos aqueles peregrinos que, mediante a credencial do Caminho devidamente selada, demonstrem a sua passagem ordenada, por motivo religioso ou espiritual – ainda que seja no sentido de busca -, pelos diferentes enclaves de uma das rotas jacobéias. Fonte: <https://oficinadelperegrino.com/>

Figura 11 – Compostelana - Certificado de conclusão do Caminho de Santiago



Fonte: Acervo do autor, 2018.

No Caminho do Sol, há a presença de ambos: a “credencial” (Figura 12), a ser carimbada ao longo do trajeto para emissão do documento comprobatório (Figura 14), intitulado Ara Solis – Altar ao Sol.

Percebe-se, tanto nas credenciais quanto na ideia de um documento de conclusão, a semelhança entre as do Caminho de Santiago e as apresentadas no Caminho do Sol.

As figuras 12 e 13 apresentam a credencial do Caminho do Sol, e a 14 mostra a Ara Solis, certificado de conclusão do Caminho do Sol.

Figura 12 – Capa da credencial do Caminho do Sol



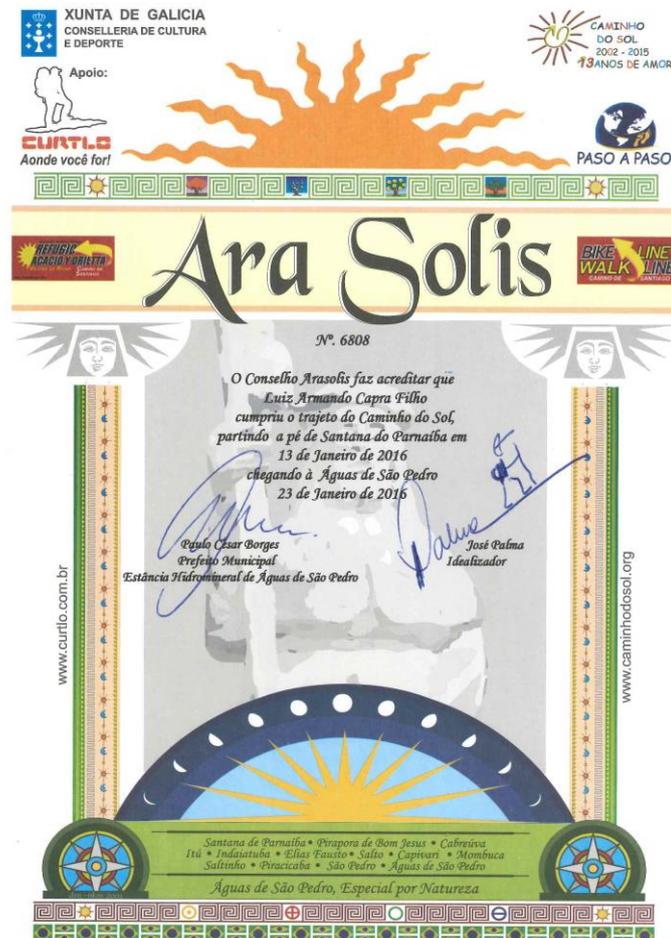
Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 13 – Interna da credencial do Caminho do Sol



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 14 – ARA SOLIS – Certificado de conclusão do Caminho do Sol



Fonte: Acervo do autor, 2018.

O grupo também foi questionado sobre o acompanhamento do progresso do caminhante ao longo do trajeto, se existe algum controle de sua condição ao longo do trajeto. Muitas respostas apontam o telefone celular e o aplicativo *WhatsApp*²² como recursos utilizados pelo grupo para controlar o progresso dos caminhantes na caminhada.

O entrevistado “G” destaca que “[...] mantemos contato com um grupo de *WhatsApp* a cada grupo que sai e ali nós estamos acompanhando a todos.” Explica que, a cada grupo que parte para o trajeto em Santana do Parnaíba, no início do trajeto é montado um grupo, específico, daquela data no aplicativo, onde todos são incluídos.

Os entrevistados “E” e “H” apontam que, com o tempo e experiência, o controle também é feito pelo próprio ritmo da caminhada. A entrevista da “H” explica:

²² Aplicativo de celular para troca de mensagens e ligações via internet.

[...] cada caminhante que sai de cada pousada temos que ficar sabendo o horário que ele saiu, o horário mais ou menos que ele vai chegar e então não chegando no horário previsto.” E reforça comentado que “a gente sempre tem um carro que fica à disposição para encontrar o caminhante caso haja algum problema. (ENTREVISTADO H).

A prática do carro de suporte, entre os trechos, complementa da ideia das “nuvens” e dos “anjos”.

José Palma, o idealizador, explicita. “Nuvens” são pontos intermediários nos trechos de caminhada muito longos. O responsável pelo albergue, um voluntário naquele trecho, um “anjo” monta uma pequena estrutura e recebe o caminhante com água e frutas. A ideia surgiu para dar mais segurança numa caminhada em que haja uma pessoa que faça o trajeto sozinho. E brinca: “Então, há os anjos que ficam na nuvem”

O entrevistado “F” aponta que o acompanhamento dado do caminhante é o principal diferencial do Caminho do Sol:

[...] esse é um grande diferencial do Caminho do Sol, onde as pessoas não estão abandonadas no caminho. Sabemos a hora em que eles saíram de tal lugar, sabemos como é que aquele grupo está caminhando, qual é a previsão daquele grupo chegar no próximo lugar e ele é acompanhado. [...] constantemente verificando onde está e onde não está, por que ainda não chegaram, a gente acompanha totalmente”. (ENTREVISTADO F).

O entrevistado “A” destaca que o relacionamento com o caminhante é o grande diferencial. Por isso, fazem encontros preparatórios e palestras: “aqui eu me preocupo, especialmente, em esclarecer todas as dúvidas desde a palestra. Enfatizo os detalhes relevantes em relação não só ao pré-caminho, como ao caminho e o pós-caminho. Então, o nosso caminho tem esta particularidade”- destaca o idealizador.

Por fim, foi perguntado aos entrevistados se tinham conhecimentos sobre aplicativos de celular e se os mesmos poderiam ser úteis para este e outros trajetos de caminhada no intuito de melhor organizar a sua oferta.

O entrevistado “G” retoma a ideia do manual do peregrino do Caminho do Sol, comentada anteriormente: “[...] com o um aplicativo você está caminhando no trecho, e, se teve alguma alteração, a alteração é feita, praticamente, instantaneamente”. E aponta outras possibilidades para o aplicativo:

Nós precisamos ter uma condição de saber em qual ponto o peregrino está. Se tem uma seta caída ou não. Que o próprio peregrino, ao passar clica lá num botão e dá latitude e longitude para que outra pessoa vá e faça manutenção. Se não for feita a manutenção, outro que estiver caminhando atrás vai saber que ali tem um problema. E por outro lado os moradores da região estão sabendo o que está acontecendo. Tem como interagir muita coisa aí. (ENTREVISTADO G).

É, praticamente unânime, entre os respondentes, que a melhor aplicação que um sistema como este pode ter, a maior contribuição para trajetos semelhantes, é a comunicação entre os seus membros, sejam eles caminhantes ou organizadores.

Do entrevistado “B”, contudo, vem a opinião que mais contribuiria para a o sucesso de novos trajetos:

[...] gostaria que as pessoas, ao conhecerem o Caminho do Sol, ao fazerem o Caminho do Sol, viessem aqui no início [...], que é essa pousada de Santana da Parnaíba, e se interessassem da riqueza histórica dessa cidade, para saírem munidos desse espírito cultural que essa cidade entrega. Eu acho que seria um *plus* muito interessante para o caminhante. (ENTREVISTADO B).

Acima, ressalta-se a ideia da possibilidade de que o trajeto de caminhada, , independentemente da extensão do percurso, contribua para divulgação do patrimônio cultural das cidades e, desta forma, difunda e democratize o acesso à atividade cultural regional.

Contudo, o entrevistado “A” apresenta um contraponto à utilização de aplicativos. Para ele, a experiência de Santiago apresenta uma possibilidade para o uso:

O Caminho de Santiago, por exemplo, tem muitos aplicativos, então para um caminho que é público eu não vejo o menor problema, você tem o aplicativo, você chega lá, é um hotel, uma pousada, ela funciona normalmente. (ENTREVISTADO A).

Entretanto, há diferenças entre a experiência citada e a vivenciada no Caminho do Sol:

Eu, no Caminho do Sol em especial, retardo um pouco essas questões, por quê? Para você ter uma ideia, quando eu lancei o Caminho do Sol, em 2002, eu tinha um modelo da credencial no site, eu tinha o telefone das pousadas, eu tinha todos os dados. O que aconteceu? Nego baixava a credencial, imprimia e queria fazer o caminho. Nego ligava lá na pousada direta e queria... e o Caminho do Sol não tem esta condição. Eu não tenho nenhum apoio institucional, eu não tenho nenhuma receita que não seja da

inscrição. Então, ou seja, quanto mais informação eu der e quanto mais possibilidade e conhecimento as pessoas tiverem, vem na contramão da administração do caminho, porque não é um caminho público. (ENTREVISTADO A).

O idealizador exemplifica seu ponto de vista:

[...] eu tive muito problema com ciclista porque o caminho há 15 anos não existia, existia trilha. Os caras pegavam as bicicletas e [...] estavam na balada e: “vamos fazer um pedal amanhã?”, “vamos, vamos para o Caminho do Sol, vamos”. O cara vai por Santana, segue a seta, chega na pousada e o cara não recebe. “Não, você não tem reserva, não posso”. E os caras ficam putos: “poxa, aqui é um caminho particular, o cara está querendo ganhar dinheiro em cima [...]”. Parece que você está privatizando uma coisa que é pública quando não é pública. (ENTREVISTADO A).

[...] E hoje existem aplicativos, o caminho está todo levantado em GPS, eu não tenho como evitar isso, mas é complicado porque o cara levanta isso e ele acha que pode fazer o caminho. Como é o único caminho privado, se ele faz 10 caminhos públicos ele acha que é igual e se ele não acha que é igual ele faz de conta também que não entendeu e tenta fazer (ENTREVISTADO A).

A fala do idealizador aponta para a necessidade de que o Caminho do Sol permaneça com a estrutura atual de organização. Destaca a existência dos aplicativos para a caminhada mas parece reticente quanto a sua utilização. Centra-se na ideia de que o Caminho do Sol é particular: só existe quem receba os caminhantes, quando há organização prévia dos agentes para tal fim.

No término das entrevistas, percebemos alguns pontos que se apresentam como principal foco das questões. A relação entre o Caminho do Sol e seu idealizador parece ser a questão mais presente. A coesão entre os agentes do caminho do sol estabelece-se pela figura do idealizador, um eixo a partir do qual as demais questões estabelecem-se.

Outro ponto de destaque é a ausência, entre os agentes/hospitaleiros, da definição mais precisa de operação do Caminho de Santiago. Em verdade, afóra seu idealizador, nenhum deles vivenciou, de fato, a experiência da peregrinação na Espanha. O que expõem aos demais, foi a eles transmitido, pelo idealizador e caminhantes que já estiveram em Santiago.

Com o objetivo de situar, por meio das falas dos entrevistados, o conceito de tradição inventada (Hobsbawm, 1984), entendido como conjunto de práticas simbólicas que pretendem incorporar valores e comportamentos definidos por meio da repetição, esta relação evidencia-se, não só pelas falas dos entrevistados como

pelo conjunto de elementos simbólicos (Compostelana/ Ara Solis, credenciais, sinalização do trajeto, ...) buscados no Caminho de Santiago e analisados a fim de serem ressignificados para o Caminho do Sol.

Semelhantemente, nosso olhar sobre a memória enquadrada (Pollack, 1989) é representado pela ideia de que há uma “memória Santiago”, isto é, um modo de operação aprendido/vivenciado pelo idealizador, que na prática, de todos os indivíduos entrevistados, é o único que esteve no Caminho de Santiago. Assim, por meio dele, esta memória é repassada aos demais membros.

Através do idealizador, os “hospitaleiros” vivenciam o Caminho de Santiago e são responsáveis por propiciar aos caminhantes do Caminho do Sol, a oportunidade de experimentarem as situações vividas não só em Santiago de Compostela mas também em São Paulo. Dessa forma, mantém-se a coesão do grupo social.

O que parece estabelecer uma conexão com esta pauta é justamente o ambiente de romarias de São Paulo. Pirapora do Bom Jesus (SP) é, por exemplo, um dos maiores centros de romaria do país.

Ao considerar que peregrinações e romarias fazem parte da tradição não só desta região, mas do Brasil inteiro, no capítulo seguinte, apresentaremos o produto final desta dissertação: um aplicativo para dispositivo móveis que busca reunir elementos comuns de caminhos em itinerários culturais, a fim de potencializar a organização do desafio por seus proponentes.

6 RELATÓRIO TÉCNICO – APLICATIVO MÓVEL

Nos capítulos anteriores, trouxemos os principais elementos deste trabalho. Foram abordados conceitos de memória e tradição e expostos aspectos sobre itinerários culturais, peregrinações e romarias.

Da mesma forma, foram levantadas informações sobre o Caminho de Santiago e o Caminho do Sol. A seguir, dedicamos o capítulo para trazer as falas dos “hospitaleiros” do Caminho do Sol.

Esses elementos visam a contribuir para efetivação do objetivo desta pesquisa, o qual pretende estabelecer as relações entre o Caminho de Santiago e o Caminho do Sol, entre elas a relação mnemônica de seus organizadores.

Apresenta-se, aqui, o produto final da pesquisa. Considera-se correto dizer que o modelo é o utilizado pelo itinerário cultural de Santiago de Compostela e seguido pelo Caminho do Sol. Pretende-se, assim, demonstrar como a tecnologia móvel pode contribuir para construção de trajetos que partam da mesma matriz.

O primeiro registro de um guia é datado do ano de 1130 e era chamado de “Guia do Peregrino”. Esse guia consistia em diversos manuscritos elaborados especificamente para auxiliar aqueles que faziam o caminho de Santiago de Compostela (CAMARGO, 2002).

Brilhante e Corrêa (2015) apontam que o conteúdo informativo dos aplicativos torna-se importante, já que a principal função de um guia turístico, impresso ou móvel, é fornecer informação. Torres (2011) complementa que o aplicativo é o componente responsável pela maioria das inovações e usos diferenciados e considera aspectos como usabilidade e interatividade, o que torna o dispositivo móvel mais flexível e útil.

Jesus e Silva (2009), asseguram que a inovação dos dispositivos móveis está na apresentação dos conteúdos, e que o serviço de realidade aumentada é o principal responsável pelo sucesso da ação. O recurso de realidade virtual permite que o utilizador obtenha informações sobre o mundo real por meio de objetos virtuais sobrepostos ou combinados a imagens reais.

Apesar da diferença de proposta entre os formatos impresso e eletrônico, as editoras buscam transmitir informações via sites que têm credibilidade. Atualmente, com a tecnologia móvel, a divulgação de guias turísticas conta com uma nova plataforma, os aplicativos para dispositivos móveis, que apresentam uma interface

mais compacta, além de serem atualizados em tempo real, ao contrário das publicações impressas (Brilhante; Corrêa, 2015).

6.1 APLICATIVO E USUÁRIOS

No aplicativo para dispositivos móveis proposto nesta dissertação, há dois tipos de usuários: gestor e peregrino. O gestor é o usuário que quer criar um percurso e comandar uma caminhada; o peregrino é quem quer receber instruções de um gestor para engajar-se em um percurso.

6.2 APLICATIVO E FUNCIONALIDADES

No momento de abertura do aplicativo, será mostrada uma “Tela principal” com o intuito de melhor direcionar o usuário para a funcionalidade de sua escolha (figura 15). Qualquer gestor interessado em usar o aplicativo - para acompanhar a caminhada – adicionará, nele, a rota e os peregrinos que lhe acompanharão, além de possivelmente criar a própria rota. Já como peregrino, é necessário fornecer algumas informações ao gestor que gerenciará o evento além de estar ciente dos detalhes da rota que percorrerá. Saber diariamente sobre o clima é interessante para ambas as partes. Por isso, um redirecionamento para as quatro funcionalidades citadas (iniciar caminhada, preencher ficha, visualizar/editar rotas e clima) estão dispostos nesta primeira tela.

A “Tela minha ficha” é usada apenas por peregrinos. Exibe diversos campos para serem preenchidos pelo usuário (figura 16): nome, número de contato, contato de emergência, idade, tipo sanguíneo e restrições alimentares, além de um espaço para informações adicionais. No menu inferior, um botão de salvar permite que as informações fiquem armazenadas no dispositivo móvel, enquanto um botão de enviar faz com que a ficha seja salva em um arquivo e enviado para um contato através de apps de terceiros (*WhatsApp*, por exemplo). Após o início de uma caminhada, o botão de “iniciar caminhada” é trocado por um de “monitorar caminhada em andamento”- se for um gestor- e por “ver percurso em andamento” - caso seja um peregrino – que, apenas, direciona o usuário diretamente para visualizar o percurso escolhido.

Figura 15 – Tela Principal



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Figura 16 – Tela minha ficha

Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

A “Tela percursos”, por sua vez, permite visualizar, criar, editar, compartilhar e importar percursos de caminhada (figura 17). Como gestor, as principais funcionalidades são a criação e a edição de rotas. Já um peregrino tem a opção de importar rotas para visualizá-las. Criar ou importar rotas faz com que estas sejam salvas no aparelho. Ambos os usuários - gestor e peregrino - podem compartilhar rotas que estejam armazenadas em seu aparelho. O compartilhamento de uma rota ocorre através de apps de terceiros - assim como a ficha do peregrino. A opção de importação, por sua vez, permite a leitura de um arquivo recebido através desse compartilhamento.

O usuário pode criar um percurso a ser seguido através da “Tela criação de percurso”. Nesta tela, o usuário depara-se com as opções de definir um ponto de partida, adicionar uma etapa e definir o ponto de chegada (figura 18). Partida, etapas e chegada dispõem-se em uma lista vertical. Há, também, a possibilidade de permitir a mudança na ordem das etapas, assim como editar alguma já existente. O ponto de partida define-se apenas por um endereço. Para o ponto de chegada e qualquer etapa adicionada, há uma série de outras informações, preenchidas na tela de criação de etapa.

Figura 17 – Tela percurso



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Figura 18 – Tela de criação de percurso



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Outra possibilidade de uso do aplicativo é a “Tela criação de etapa”. Ela é separada em três segmentos (figura 19). No primeiro, a definição do nome, um espaço para inserir um link para visualização do mapa do percurso e um campo para descrever qualquer aspecto relevante da etapa. No segundo segmento, o gestor pode adicionar pontos de interesse, ou seja, locais que possam ser do interesse dos peregrinos: hotéis, restaurantes, ou mesmo, um ponto com uma bela vista a ser contemplada. No terceiro segmento, um espaço para adicionar fotos relacionadas à etapa.

Figura 19 – Tela criação de etapa



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Para o usuário visualizar o percurso tem a “Tela visualização de percurso”, visualmente, esta tela é quase idêntica à “Tela criação de percurso” porém, não possui opção para editar qualquer informação ou adicionar etapas (figura 20). Ao invés disso, tocar em uma etapa ou no ponto de chegada fará com que seja redirecionado para a “Tela visualização de etapa”.

Figura 20 – Tela visualização de percurso



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Há também a “Tela visualização de etapa”, essencialmente igual à tela de criação de etapa, também dividida em três segmentos (figura 21). Campos deixam de ser editáveis e o espaço para inserção de um link para visualizar o mapa do percurso dá lugar a um botão que redireciona para o link associado na criação. A adição e remoção de pontos de interesse e de fotos também são desabilitadas nesta tela.

Figura 21 – Tela de visualização de etapas



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

A “Tela preparação” é acessada do botão “Iniciar Caminhada” da tela principal. Primeiramente, o usuário deve definir se essa caminhada está sendo iniciada como gestor ou como peregrino. Como peregrino, há apenas a escolha de um percurso dentre os salvos no dispositivo do usuário (figura 22). Após a seleção, o peregrino é, então, redirecionado para a tela principal novamente. Todavia, com o botão “iniciar caminhada” alterado para “ver percurso em andamento”. Como gestor, há, ainda, a etapa de seleção de peregrinos logo após a etapa de seleção de rotas (figura 23). Este passo permite que o gestor adicione à sua caminhada qualquer usuário de quem tenha recebido a ficha. Após definir seus peregrinos, o gestor é então redirecionado para a tela principal, trocando o botão “iniciar caminhada” por “monitorar caminhada em andamento”. Este novo botão redireciona, então, para a “Tela de monitoramento”.

Figura 22 - Tela percurso



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Figura 23 - Tela Seleção de peregrino



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Por fim, há a “Tela monitoramento” que permite a visualização da rota escolhida para a caminhada atual bem como mostra todos os peregrinos envolvidos em uma lista (figura 24). Tocar no campo referente a um peregrino abre um *popup*, o qual permite a visualização das informações das fichas dos peregrinos envolvidos (figura 25).

Figura 24 – Tela de Monitoramento



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Figura 25 – Tela Ficha de peregrinos

The screenshot shows a mobile application interface with a yellow header labeled 'MONITORAMENTO' and a hamburger menu icon. A modal form is displayed over the list, showing details for a pilgrim:

Maurício Lopes Zugno
26 anos, A-

+55 (51) 99999-9999

Contato de Emergencia

Nome: _____
Telefone: _____

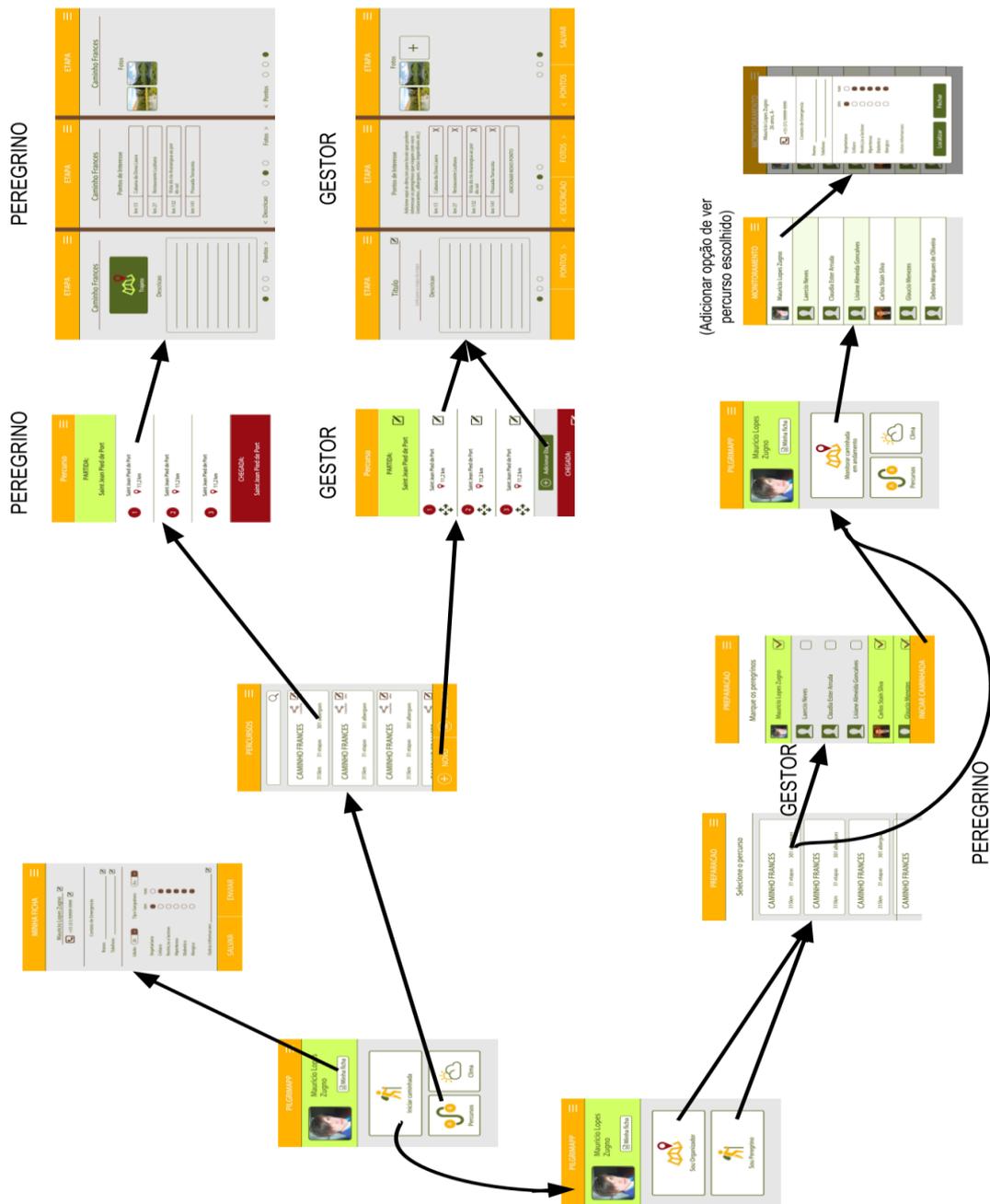
Vegetariano sim nao
 Celiaco sim nao
 Restrição a lactose sim nao
 Hipertenso sim nao
 Diabético sim nao
 Alérgico sim nao

Outras informações:

Localizar Fechar

Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Figura 26 – APP Diagrama Geral de Funcionamento



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se evidenciar a presença do Caminho de Santiago (Espanha) no Caminho do Sol (Brasil), sendo ela entendida como a mimetização de uma ideia: uma caminhada longa, sinalizada e organizada, que respeita certos moldes.

Introdutoriamente, apresentaram-se questões que norteiam a pesquisa em si e destacou-se o problema de pesquisa que visa a entender de que forma o Caminho do Sol constitui-se como trajeto, tendo como referência o Itinerário Cultural Caminho de Santiago. Para completar o objetivo principal, os objetivos específicos do trabalho pautaram-se em:

- a) identificar os agentes responsáveis pela idealização e implantação do Caminho do Sol;
- b) compreender como tais agentes explicam a idealização Caminho do Sol;
- c) verificar como ocorre a manutenção da memória entre os agentes do Caminho do Sol;
- d) a criação de um projeto piloto de um aplicativo móvel para criação e sistematização de informações para realização de trajetos de caminhada.

Ao longo deste processo apresentou-se o procedimento metodológico de condução da pesquisa, para a qual se optou por uma abordagem qualitativa, utilizada para abordar comportamentos, opiniões e suas relações nos contextos sociais, nos quais os acontecimentos estão inseridos. Para tal, foi construído um roteiro de entrevista que, após a realização, teve as respostas analisadas e organizadas, conforme categorias pré-definidas pelo pesquisador. Neste mesmo capítulo, foram apresentadas as localidades dos hospiteiros, visto que um dos objetos do trabalho busca a identificação desses indivíduos.

No capítulo seguinte, expôs-se o quadro conceitual da pesquisa, em que se mencionaram conceitos como memória enquadrada, tradição inventada, itinerários, peregrinações e romarias.

Buscamos estabelecer, por meio das falas dos autores, relação entre os conceitos de tradição inventada (Hobsbawm, 1984), entendido como um conjunto de práticas simbólicas que objetiva incorporar valores e comportamentos definidos por meio da repetição e memória enquadrada (Pollack, 1989) representado pela ideia de que uma memória pode ser herdada ou vivida indiretamente. Pode-se estar presente

no grupo sem que, necessariamente, as tenha vivenciado. Neste sentido, mantém-se uma forma de coesão dos grupos sociais.

As peregrinações e romarias são deslocamentos humanos, geralmente vinculados a buscas religiosas. Estão presentes em vários grupos e se estabeleceram há muito tempo.

Quando estes trajetos, que podem ser “marítimos, terrestres, ou mistos, são determinados materialmente, com uma dinâmica e funções históricas próprias, ao serviço de um objetivo concreto determinado” (ICOMOS, 2008), estabelece-se o conceito de um itinerário cultural, neste caso, reconhecido pela UNESCO.

O itinerário cultural Caminho de Santiago é composto de rotas religiosas que levam os peregrinos, oriundos de países diferentes, ao túmulo do apóstolo Tiago. A tradição de peregrinação está presente desde o período medieval e a “presença” de Santiago foi fundamental para a retomada da península ibérica pelos cristãos, do território que era ocupado pelos árabes, entres os anos de 711 a 1492. Atualmente, com os caminhos devidamente delimitados e demarcados, a peregrinação à Santiago leva anualmente milhares de pessoas a percorrer os caminhos que levam à catedral de Compostela.

No Brasil, têm-se diferentes Caminhos, entre os quais se pode citar o Caminho das Missões (RS), o Caminho da Fé (SP/MG), o Caminho dos Anjos (MG) e o Caminho de Cora Coralina (GO). Nosso objeto de estudo, o Caminho do Sol é um trajeto pedonal ou ciclístico desenvolvido no interior paulista, entre as cidades de Santana da Parnaíba e Águas de São Pedro. Esse percurso, diferente do itinerário cultural de Santiago de Compostela, usa o recurso cultural como tema aglutinador e constrói vias percorridas em busca de histórias e culturais locais.

O Caminho do Sol é composto por “hospitaleiros”, neste momento, entendidos como os agentes responsáveis pela constituição e manutenção do trajeto, que abrigam os caminhantes do trajeto Caminho do Sol, ao fim de cada um dos 15 dias de percurso. Podemos concluir que se trata de um grupo heterogêneo de pessoas: donas de casa, empresários, profissionais liberais e hoteleiros. Possuem renda variada, algumas não informadas, mas percebe-se que o ponto comum entre a maioria é que a maior renda é vinculada à existência de ensino superior: sete dos nove entrevistados têm ensino superior completo ou incompleto. Pontualmente, a relação renda x ensino fica mais perceptível na entrevista H, onde se verifica a menor renda declarada com a menor escolaridade declarada.

Outro aspecto que chama atenção é que somente dois dos nove entrevistados denominam-se hoteleiros. O dado revela as características de hospedagem ao longo do trajeto: em sua maioria, locais que passaram a receber pessoas após a criação do Caminho do Sol.

Constata-se que os mesmos são um grupo heterogêneo, composto por homens e mulheres, de diferentes extratos de renda e formação, com a predominância das pessoas com nível superior completo ou incompleto, renda superior a R\$ 9.225,00, declarada, que têm em comum a realização do Caminho do Sol.

No intuito de compreender como explicam a idealização Caminho do Sol, evidenciam-se duas situações complementares: a primeira, da relação entre o idealizador e a ideia - o Caminho do Sol nasce da ideia de um peregrino de Santiago que busca trazer a experiência da caminhada para o Brasil, após ter passado pela experiência na Europa; a segunda, a qual complementa a primeira conclusão da pesquisa, o que dá coesão ao grupo, e por consequência ao “caminho” é a idealização do projeto como o foco da ação.

Neste ponto, há convergência entre os conceitos de tradição inventada e memória enquadrada, dos quais se destacam: a busca por elementos da peregrinação de Santiago, em elementos constitutivos - como a presença das hospedagens - por consequência dos hospedeiros - do trajeto em si que busca similaridades geográficas, simbólica - certificado Ara Solis – a Compostela para o Caminho de Santiago – o passaporte peregrino, a fim de registrar com carimbos a conclusão de cada ponto do trajeto – como em Santiago – ou as setas amarelas, que buscam evocar as características/propostas de Santiago.

Contudo, essa ideia parece presente de forma mais visível externa - na fala do idealizador e na estrutura da organização do caminho - do que internamente- nas atitudes dos seus agentes.

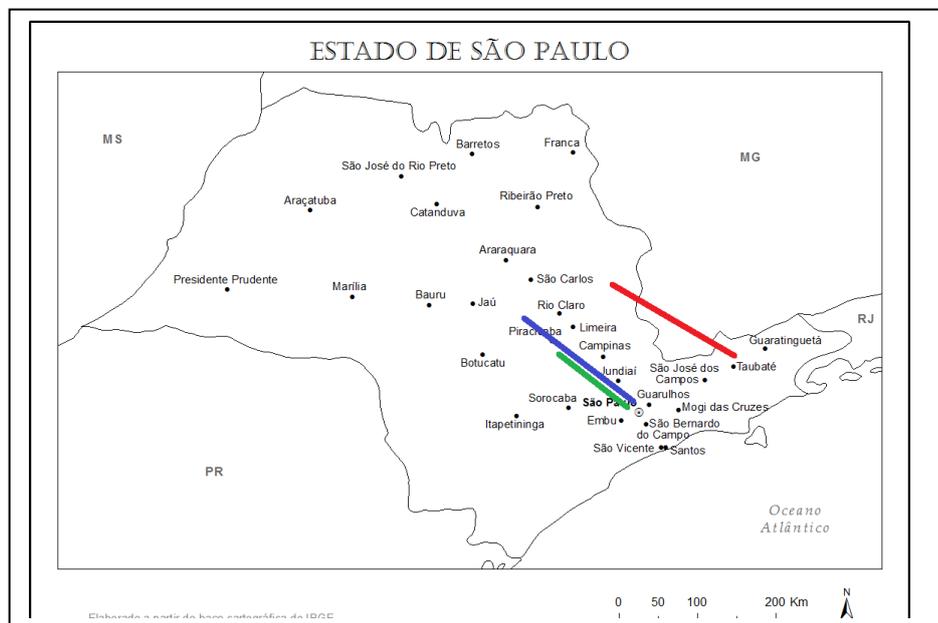
A constatação leva-nos à análise do segundo aspecto mencionado, que pretende verificar como ocorre a manutenção da memória entre os agentes do Caminho do Sol: o da memória enquadrada. Percebemos, ao longo das entrevistas, algum conhecimento de trajetos de caminhada. Uns entrevistados chegam a citar exemplos e 1 (um) deles percorreu mais de um caminho. Na busca de um ponto comum entre eles, parece clara a ideia de que as impressões sobre a caminhada e o albergue de Santiago são estabelecidas pela visão do organizador. Uma memória

repassada aos demais e que estabelece, entre outras ideias, o *mudus operandi* dos fazeres do Caminho do Sol, representado pelo “manual” referido nas entrevistas. É pela fala e olhar do idealizador que a “memória Santiago” chega aos demais integrantes.

Todavia, na fala dos hospitaleiros/agentes é perceptível a presença de um passado de romarias, evidenciada ao longo do processo. A concepção fica mais clara se observarmos as rotas das três principais romarias/trajetos na região (Figura 27).

De maneira esquemática, a linha verde, sentido oeste para leste, corresponde às principais rotas de romaria ao Santuário de Pirapora do Bom Jesus. Ao Norte, a linha vermelha, no sentido oeste para leste, às principais rotas do Santuário de Aparecida. E, ao centro, na linha azul, em sentido contrário das demais, de leste para oeste, a rota do Caminho do Sol. Especialmente, a rota de Pirapora do Bom Jesus e a do Caminho do Sol são praticamente as mesmas com os sentidos contrários.

Figura 27 – Rotas esquemáticas no Estado de São Paulo



Fonte: Produzido pelo Autor, 2018.

Sendo assim, cria-se uma dupla percepção da imagem de Santiago: está mais presente na figura do proponente do Caminho do Sol, seu idealizador, e na do

indivíduo que procura a experiência no Brasil, para recordar o já vivido em Santiago (memória) ou se preparar para uma futura viagem.

O processo metodológico permitiu a construção de instrumento de pesquisa abrangente, porém assertiva. Da mesma maneira, não só possibilitou a verificação de consonâncias e dissonâncias das falas como estabeleceu a opção de um olhar crítico sobre a temática.

A ideia que o “Caminho de Santiago” apresenta é de um modelo de “como fazer”. Muitos outros são os caminhos baseados nesta experiência, especialmente trajetos de caminhada de longa duração. Isso significa que esses outros caminhos agregam a sua formação o modelo Santiago de modo formal, informal, nominal ou não.

É possível sintetizar o modelo Santiago em alguns pontos: sinalização eficiente, isto é, poder seguir do ponto A ao Ponto B sem problemas, pontos de apoio identificados para descanso e lanches, se necessário, sistema de hospedagem que permita ao indivíduo descansar e seguir no próximo dia e, por fim, o mais importante, o trajeto em si, o qual deve ser tão atrativo que traga mais pessoas para percorrê-lo.

Estes “elementos motivadores” vão desde características peculiares da natureza até referências históricas, culturais, religiosas, literárias ou quaisquer outras que incentivem pessoas a conhecer novos espaços.

Neste sentido, o aplicativo móvel desenvolvido para essa dissertação busca favorecer organizadores de itinerários, construir e divulgar trajetos e, assim, monitorar os caminhantes e estabelecer pontos de interesse para eles, durante o percurso. Por exemplo, pode-se alimentar o aplicativo com um trajeto sobre estatuária de uma cidade ou prédios históricos.

A grande diferença deste aplicativo para os demais existentes é justamente a possibilidade da existência de um organizador de caminhos que, com base em um conjunto de referências de seu interesse, proponha alternativas de trajetos aos mais diferentes grupos.

Esta pesquisa não busca de nenhuma maneira esgotar as questões sobre o assunto. Ao contrário, soma-se ao conjunto de perguntas sobre os itinerários culturais, memória e tradição. Como sugestão para novos trabalhos, cabe refletir sobre o olhar dos peregrinos em relação ao Caminho do Sol. Outra sugestão é um

olhar comparado entre peregrinos do Caminho do Sol e do Caminho de Santiago ou entre peregrinos de ambos os caminhos.

Por fim, trazemos a fala do poeta espanhol Antonio Machado y Ruiz, no célebre poema *Cantares*: “Caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar[...]”.²³ No entanto, parece ser também verdadeira a fala de Ray Kinsella, personagem de Kevin Costner em *Campo dos Sonhos*: “se construir, ele virá.”²⁴

²³ “*Caminante no hay camino, se hace camino al andar...* Antonio Machado y Ruiz (1875-1939).

²⁴ “*If you build it, he will come*” – Filme: *Field of Dreams* (1989).

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, Fernando X. Apresentação. In.: XACOBEO, S.A. de Xestión do Plan. **O Camiño Primitivo**: Actas do Congreso O Camiño de Santiago para o Século XXI; Galicia, Consejería de Innovación e Industria Xunta, 2006.
- BOUVET, Rachel. Percurso (verbete). In.: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- BRILHANTE, Mariana do Nascimento; CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. Análise comparativa de guias turísticos em formato de aplicativo: Lonely Planet e mTrip. **Revista Turismo - Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 17, n. 2, p. 354-386, 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.14210/rtva.v17n2.p354-386> > Acesso em: 11 fev. 2018.
- CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.
- CAMPOS, André Rodrigues; REIS, Jaime Estevão dos. A utilização política do mito do apóstolo Santiago no reinado de Alfonso II, O Casto (791-842). In: **VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais - VI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do PR e SC**. Educação, Política e Religiosidade. Maringá: Huma Multimídia, 2009.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO, António Homem; ALMEIDA, Lourenço de. **O Caminho Português de Santiago**. 1.ed. Cascais: Editora Lucerna, 2005.
- CUTER, Julio Cesar; BAPTESTONE, Rolney Carlos. Desenvolvimento econômico, turismo, cultura e hospitalidade: uma análise do município de Santana do Parnaíba. In: **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v.7, n. 11 jul.-ago.-set./2010, p.99-115.
- DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. Traduzido por: Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.
- DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. da. **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003.
- DUQUE, João. A peregrinação a pé na perspectiva da conversão. In: **Compostellanum Revista de la Arqchidiócesis de Santiago de Compostela**, 50. Santiago de Compostela: Centro de Estudos Jacobeos, v.50, p. 233-241, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, Leandro Eustáquio. **Olhares sobre o patrimônio: uma etnografia do caminho de santiago português**. 2012. 114 f. Dissertação do programa de Mestrado em Antropologia Social e Cultural do Departamento de Ciências da Vida,

da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012.

GOMES, R. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HARRISON, Miguel. **Las señales del Camino de Santiago. Algo más que flechas amarillas y conchas de vieiras**. X Edición de la Gaceta hispánica de Madrid. Madrid, 2013.

HERRERA, JOSÉ LUIS. **El Camino de Santiago, estado de la cuestión**. Revista Cuenta y Razón. Número 112. Fundação de Estudos Sociológicos. Madrid, 1999.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JESUS, C.; SILVA, L. J. O. L. **Potencialidades dos serviços móveis de Realidade Aumentada aplicados ao Turismo**. In: Congresso da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, 2009, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 2009, p. 2296-2314.

LIMA, José da Silva. **A Peregrinação: percursos e a palavra**. Lisboa: Editora Departamento Editorial da INCM, 2007.

MAIO, Carlos Alberto. Turismo religioso e desenvolvimento local. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 5-58, jun. 2004.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**. Anais.... Bauru: USC, v. 1., 2004, p. 01-10.

MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira. Da devoção a S. Tiago. À Contestação dos votos Jacobeiros in: **I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela**. Lisboa: Editora Távola Redonda, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NETO, Jonatas Batista. Aspectos das viagens medievais: obstáculos e perigos. **Revista de História**. São Paulo: Universidade de São Paulo, n.119, p.179-197,1988. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18579>>. Acesso em: 20 fev.2018.

OLIVEIRA, M.M de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PALMA, José. **Viva a experiência do Caminho do Sol**. Disponível em: <http://caminhodosol.org.br/historia.aspx>. Acesso em: 05/07/2017.

PEREIRA, Pedro. **Peregrinos**: Um estudo antropológico das peregrinações a pé de Fátima. Lisboa: Editora Crença e Razão, 2003.

PINHEIRO, Ana Elias. Itinerários Culturais: viajando pela história in: **Revista Máthesis**. Editor, Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, 2007.

POLO, Marco; tradução Pietro Nasseti. **As viagens “Il Milione”**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RICHE, Pierre. Peregrinação. In LOYON, Henry. **Dicionário da idade média**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SANTOS, Vanice; CANDELORO, Rosana. **Trabalhos acadêmicos – Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: AGE Editora, 2006.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; FAGLIARI, Gabriela Scuta. **Peregrinação e Turismo: as novas rotas “religiosas” do Brasil**. In: Turismo - Visão e Ação - volume 5 - n.1 - jan/abr 2003.

SANCHIS, Pierre. **Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso**. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, out. 2006.

SIMAS, Henrique Manuel Borges Soares e. **Planeamento de circuitos temáticos: quando o Deus Endovélico se cruza com São Tiago**. Dissertação do programa de mestrado da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Estoril, 2015.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa– Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003 (Coleção Turismo).

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. **Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil**. Relig. soc. [online]. 2008, vol.28, n.1, p.105-124.

TONIOL, Rodrigo. **No rastro das caminhadas: Etnografia de uma política de turismo rural no Vale do Ivaí, Paraná**. Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

TORRES, C. E. **Mobilidade**: Computação móvel, dispositivos e aplicativos. 2013. Disponível em:< <https://pt.slideshare.net/cetorres/palestra-mobilidade-computao-mvel-dispositivos-e-aplicativos-2013>.> Acesso em: 09 maio 2018.

VALLE, Edênio. **Santuários, romarias e discipulado cristão**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, jun. 2006, p. 31-48.

VIDOTTE, Adriana; RUI, Adailson José. Caminhos Físicos, Imaginários e Simbólicos: O Culto a São Tiago e a Peregrinação à Compostela na Idade Média. **Projeto História**. n.42, jun. 2011, p 143-160.

ANEXO A – Roteiro de entrevista

Para identificar os agentes responsáveis pela idealização e implantação do Caminho do Sol:

- a) Nome completo:
- b) Idade:
- c) Local de nascimento:
- d) Profissão:
- e) Qual sua função junto ao Caminho do Sol?
- f) Está presente desde a abertura do Caminho do Sol?

Para compreender como tais agentes explicam a idealização Caminho do Sol:

- a) Foram utilizadas outras experiências de caminhada para montar a proposta do Caminho do Sol?
- b) Quem percorre o “Caminho do Sol”?
- c) Quantas caminhantes vocês acredita que passaram pelo seu local?
- d) Existe uma forma de receber os caminhantes aqui no caminho?
- e) Como foi definido este formato?

A fim de verificar como ocorre a manutenção da memória entre os agentes do caminho do sol:

- a) O seu local, como lugar de recepção de caminhantes, existe antes do “Caminho do Sol”?
- b) Como foi definido o trajeto?
- c) Como vocês se organizam para manter o caminho funcionando? (reuniões/manuais...)
- d) Como é verificado o progresso do Caminhante? Existe algum controle da sua situação ao longo do trajeto?

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, “MEMÓRIAS ENQUADRADAS E TRADIÇÕES INVENTADAS NA GERAÇÃO E GESTÃO DO ITINERÁRIO TURÍSTICO-CULTURAL: UMA EXPERIÊNCIA NO CAMINHO DO SOL EM SÃO PAULO (BRASIL)”, desenvolvida, entre outros, por meio da aplicação de entrevistas junto aos hospitaleiros do Caminho do Sol (doravante, para efeitos desse termo, chamado de entrevistado). As entrevistas serão realizadas por meio de gravação telefônica, em dia e horário indicado pelo entrevistado. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária que visa a realizar um estudo a respeito do Caminho do Sol.

Esta pesquisa está sob a coordenação da Professora Dra. Dra. Judite Sanson de Bem, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, com a execução da mesma pelo mestrando Luiz Armando Capra Filho.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Luiz Armando Capra Filho, telefone (51) 99834940, endereço eletrônico: la_capra@hotmail.com e Judite Sanson de Bem, endereço eletrônico: judite.bem@unilasalle.edu.br.

É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia, caso seja do seu interesse, do sigilo dos dados de identificação de forma que se assegure a privacidade e o anonimato. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que sejam conseguidos pelo pesquisador.

As entrevistas no formato áudio, bem como sua transcrição serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados, sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle e poderá ser acessado para novas pesquisas e análises.

As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em dissertação sobre o Caminho do Sol sob a forma de trabalhos científicos.

Não há despesas pessoais para o colaborador em qualquer fase do estudo nem compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. O horário da ligação e gravação da entrevista será definido pelo entrevistado.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido por e-mail. Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____, Endereço: _____,

depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, declaro ceder ao Centro Universitário La Salle, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Centro Universitário La Salle, na cidade Canoas, num total de ____ horas gravadas perante a pesquisador Luiz Armando Capra Filho.

O Centro Universitário La Salle fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo

para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisador

Assinatura